

EUARISTO Lima
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.

Fornecemos e montamos todo o tipo de
Coberturas Metálicas Auto-Portantes
BLOCOTELHA E INTERTELHA

Av. Luís de Camões, 14
9600-563 RIBEIRA GRANDE
Telef. 296.470160
Fax 296.470165
e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Peça-nos orçamentos



Boas Festas

Fotografia: Ricardo Rodrigues

Estádio do Rosario

Empresa Tomaz & Peixoto
Domingo 22 de outubro de 1933
ÀS 13 HORAS (1 hora da tarde)

Inauguração do Grande Estádio do Rosario

— A realização magnífica do sonho dos desportistas ribeira-grandenses —
Explendido campo de foot-ball com as dimensões regulamentares

Desafio inaugural em que se defrontam os dois valentes grupos locais

Aguia Sport Club
E
Ideal Sport Club

O cortejo com os convidados que vão assistir á inauguração, saie da Sociedade Instrução e Recreio pelas 13 horas acompanhado pelas bandas Progresso e Triunfo

Todos ao Foot-Ball

SUPLEMENTO Oliveira Moura

Diálogos
Mariano Alves



PÁGS. 6 e 7

À cavaqueira com...
Fátima Senra




Emanuel Martins PÁG. 5


A INVASÃO DAS LARVAS (UMA PRAGA DE LARVAS, VINDAS NÃO SE SABE DE ONDE, ESTÁ A INVADIR A RIBEIRA GRANDE, ESPECIALMENTE A ZONA DO "AINDA" PICO DAS FREIRAS...



Cartoon P.P.P. 2002



TOYOTA



YARIS

RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada

PME comércio
excelência 2000

Crie a sua história

Editorial

oliveiramoura@mail.pt



O meu Mundial

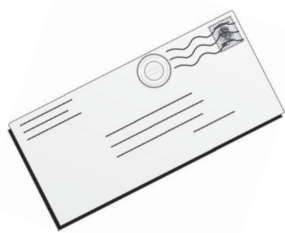
Aceitando o risco de parecer presunçoso, diria que não me tornei cidadão na madrugada do golpe militar de 25 de Abril de 1974; nem na 'fraticida' noite das facas longas' do assalto às Caldeiras de 18 de Agosto de 1975; nem tão-pouco na agitada manhã de Janeiro de 1983, quando no RIC recebi o canudo da 'licenciatura', ou na espessa tarde de Verão de 1996, quando garanti o mestrado; tornara-me cidadão numa húmida manhã do Verão de 1972, no estertor da Primavera Marcelista, ao envergar com vaidade uma camisola esburacada, um desmesurado par de botas velhíssimas e um desproporcionado par de calções de ganga surrada, quando o Ideal enfrentou o rival Águia. Aí encetei os primeiros passos no pedregoso e inconstante caminho da cidadania. No **Futebol**:

Aprendi, tal como na vida, em Francisco de Assis, Gandhi, António Vieira, Camões, Eça, Ramalho, António Sérgio, meus pais, Cristo, Che Guevara, João Gil Tavares da Ponte, Manuel Ferreira, e outros mais, em nome da dignidade, a defender com lealdade, cumprindo regras, obedecendo a métodos e estratégias, até à exaustão, a *camisa* que envergo e a esperar o recíproco de companheiros: tanto adversários como colegas;

Aprendi, tal como na vida, ainda em nome da dignidade, a pugnar em grupo, cumprindo regras, obedecendo a métodos e estratégias, até à exaustão, seja qual for o resultado, por objectivos comuns, sem contudo me diluir ou anular nele, e a esperar o recíproco de companheiros: tanto adversários como colegas;

Aprendi, sempre em nome da dignidade, cumprindo regras, obedecendo a métodos e estratégias, até à exaustão, a optar entre o hediondo e o luminoso que a paixão desportiva desencadeia, calçando 'as botas do outro': fosse branco, bronco, pardo, negro, amarelo, vermelho, boçal ou refinado, porque, no campo tal como na vida, somos iguais em direitos e deveres, e a esperar o recíproco de companheiros: tanto adversários como colegas;

Resumem-se a quatro as minhas mais gratas recordações do futebol: a **honra** de ter sido eleito capitão de equipa, o **brío** de só ter levado um único cartão amarelo, e por engano, o **privilegio** de ter ido após um jogo beber um copo com o meu adversário mais duro e leal e o **orgulho** de ter ganho um campeonato liceal a um grupo de craques arrogantes, cujo segundo defeito terá sido o de ter presumido ganhá-lo sem 'suar a camisola'. É o que tento fazer na vida, como na deste jornal, com dignidade, lealdade e método, esperando o recíproco de companheiros: adversários ou colegas.

Caixa do Correio

ASTRONOMIA EM JOGO

Na sequência de um conjunto de actividades realizadas no âmbito do Programa Ciência Viva, a associação Amigos dos Açores editou, recentemente, um jogo didáctico intitulado "Astronomia em Jogo" que se destina a divulgar a astronomia junto do público e a promover o ensino da astronomia nas escolas.

Da autoria da professora Maria Antónia Guedes, o jogo que teve a colaboração do professor Gilberto Cardoso está a ser distribuído pelas escolas e será oferecido a todos os interessados, bastando para tal que o levantam na sede dos Amigos dos Açores, sita à Avenida da Paz, 14- 9600 PICO DA PEDRA (Sede da Junta de Freguesia). Para as restantes ilhas será enviado, por correio, a quem o solicitar.

A **Provedoria de Justiça** emitiu no dia 15/5/02 um parecer sobre a polémica lei reguladora dos concursos de pessoal docente para a Região Autónoma dos Açores (a última fantasia do Sr. Secretário Álamo de Menezes). Na opinião desta entidade a lei é inconstitucional e toda a sua produção encontra-se ferida de irregularidades. Entretanto o Sr. Álamo de Menezes quer insistir afirmando que esperará serenamente pela decisão do Tribunal Constitucional. Será que não estaremos aqui perante uma clara evidência de abuso de poder?

E o que levará um Ministro da República (Sr. Sampaio da Nóvoa) a assinar uma lei perniciososa em meia dúzia de horas lei tão polémica e essa, que como ele próprio reconheceu (mais tarde) publicamente, se lhe apresenta com uma constitucionalidade duvidosa?

É que os profissionais lesados com ou sem ajuda dos seus sindicatos saibam reclamar nas devidas instâncias as indemnizações a que têm direito.

Movimentoantidiscriminacaotmail.com

CARTAABERTA

Excelentíssimo Senhor Embaixador do Reino de Espanha:

Na sequência da desonrosa invasão militar que, há duzentos anos, foi perpetrada pela Nação que Vossa Excelência

representa, em conluio traiçoeiro com a França napoleónica, Portugal foi compelido a aceitar o iníquo Tratado de Badajoz de 6 de Junho de 1801, pelo qual Espanha se apossou «em qualidade de conquista» da Praça de Olivença.

Por isso ficou consignado no Tratado de Viena, seu Art.º 105.º:

«Les Puissances, reconnaissant la justice des réclamations formées par S. A. R. le prince régent de Portugal et du Brésil, sur la ville d'Olivenza et les autres territoires cédés à Espagne par le traité de Badajoz de 1801, et envisageant la restitution de ces objets, comme une des mesures propres à assurer entre les deux royaumes de la péninsule, cette bonne harmonie complète et stable dont la conservation dans toutes les parties de l'Europe a été le but constant de leurs arrangements, s'engagent formellement à employer dans les voies de conciliation leurs efforts les plus efficaces, afin que la rétrocession desdits territoires en faveur du Portugal soi effectuée; et les puissances reconnaissent, autant qu'il dépend de chacune d'elles, que cet arrangement doit avoir lieu au plus tôt».

Como melhor saberá Vossa Excelência, em 7 de Maio de 1817, há exactamente 185 anos, Espanha assinou o Tratado de Viena e, assim, reconheceu plenamente e sem reservas os direitos de Portugal.

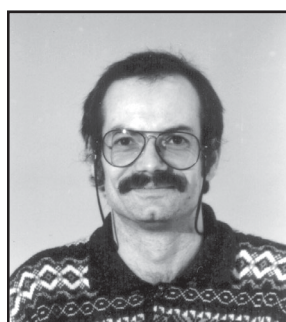
Porém, decorridos quase dois séculos, o Estado que Vossa Excelência representa jamais respeitou o compromisso assumido perante a Comunidade Internacional. Do carácter honrado, ativo e nobre que Espanha diz ser o seu, não houve manifestação. Ao contrário, actuando com ostensivo desprezo pelo Direito e pela palavra dada, é Espanha que aceita sobre si mesma o labéu da vilania.

Eis, singela, a «Questão de Olivença»: uma parcela de Portugal encontra-se usurpada pelo Estado espanhol, extorsão não reconhecida e ilegítima face ao Direito Internacional. Não obedecendo ao Direito nem respeitando a sua palavra, é Espanha, de que Vossa Excelência é Embaixador, que se desonra.

Grupo dos Amigos de Olivença

Plantas Usadas na Medicina Popular (13)

Sabugueiro



De acordo com o livro "Segredos e Virtudes das Plantas Medicinais", o sabugueiro é uma das plantas cuja história acompanha a do homem. Com efeito, são conhecidos vestígios desta planta em estações arqueológicas da Idade da Pedra.

O sabugueiro que se popularizou na Europa como planta decorativa partir do século XVI, era uma das plantas mais cultivadas nos Açores para servir de sebe.

Família - Caprifoliaceae

Nome científico - *Sambucus nigra*

Outras designações - Sabugo, Rosa- de- bem-fazer

Identificação - Arbusto com os ramos cheios de medula branca, com folhas pecioladas, com 5 a 7 folíolos serrados. As suas flores são branco- amarelas e as suas bagas são negras, apresentando de três a cinco sementes.

Utilização - As flores do sabugueiro que podem ser apanhadas nos meses de Maio e Junho, de acordo com Silvano Pereira (1953), eram usadas em infusão como

diuréticas e sudoríficas. O inquérito que fizemos, em 1992, no Concelho de Ribeira Grande, a flor do sabugueiro era usada para debelar a febre, na Lomba da Maia, enquanto que na Lombinha da Maia usavam-se as bagas para combater a diarreia. Para além da sua utilização para fins medicinais, o sabugueiro era usado para fins ornamentais, outrora com os seus caules faziam-se "apitos" e era uma das plantas mais usadas em sebes para separação dos quintais.

Teófilo Braga



Ficha Técnica:

A Estrela Oriental | Jornal Mensal | Propriedade:  Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Publicidade: Luís Faria - 919020517 | Paginação: Francisco Veloso | Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Otilia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Vasques, Teófilo de Braga

Colaboradores Fuseirinho: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

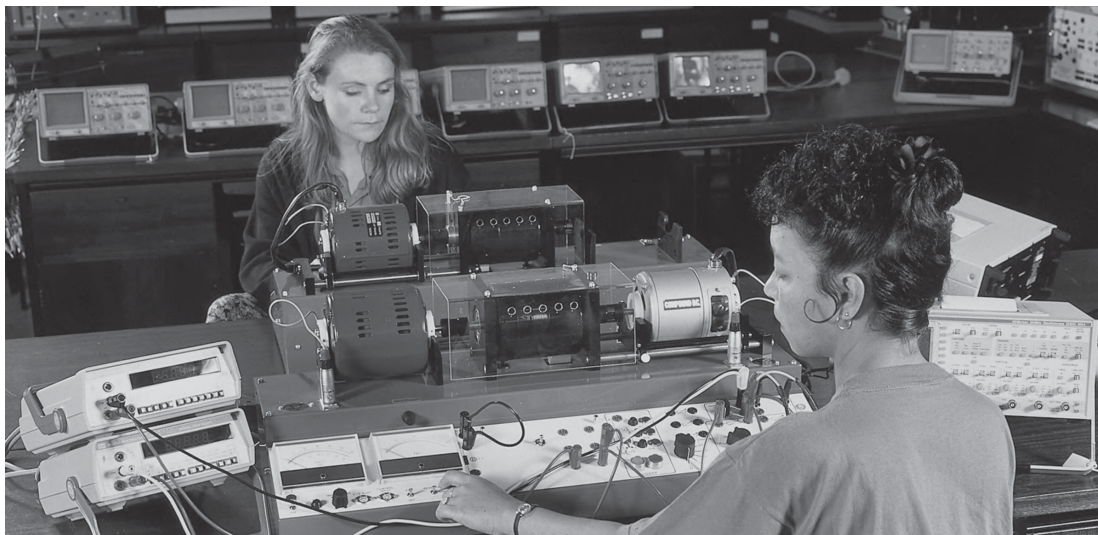


Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

a;nd
Associação
Portuguesa de Imprensa

Jovens, que futuro?



muito cedo devido à sua situação familiar. Quem não conhece um amigo que deixou a escola? Se tivessem reparado em pormenor tinham visto uma lágrima no canto do olho do rapaz ou da rapariga, por saberem que a partir daquele momento iriam começar os tempos difíceis.

Muitos pensam de uma maneira errada, vêem a escola como um passatempo, ou como um local de férias. Outros estão nas aulas com a cara enfadonha e aborrecida porque um minuto leva horas a passar. Chegou a altura de deixarem de pensar assim. Os tempos estão cada vez mais difíceis para todos e a única maneira de se ultrapassar todas estas dificuldades é esforçando-se. A juventude é talvez a melhor altura da vida e devemos aproveitar isso, mas há tempo para tudo. Com certeza que se deve estar com os amigos, mas há também aqueles momentos que se deve dedicar aos estudos porque é através do conhecimento, aprendido na escola, que se consegue

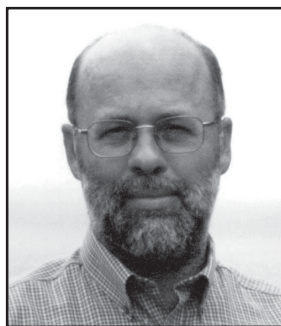
escapar de um mercado de trabalho cada vez mais cheio. Deve ter-se sempre presente que ao se perder um ano na escola está-se a perder um ano na vida e quanto mais longe se conseguir ir nos estudos mais depressa se consegue um emprego.

Há alturas em que, quando as coisas não correm da maneira prevista, as pessoas simplesmente desistem. Uma das formas que caracteriza a personalidade de cada um é a maneira e a rapidez com que se levanta ao se estar perante um problema. Em vez de se fugir ao problema há que enfrentá-lo de frente e murmurar que se consegue vencer qualquer obstáculo.

Tem que se ser optimista em tudo porque nada está perdido. Não estamos à mercê do futuro, nós é que o construímos em cada passo que damos!

Alexandre Gaudêncio

O meu ponto de vista Viva a diferença



Estávamos no início do Outono de 1982. Acabara de chegar do meu “exílio” de estudante-trabalhador, por terras canadianas. Onde fora conquistar aquilo que a minha terra havia teimado em não me dar a oportunidade de ganhar.

Decorria a campanha eleitoral para as autarquias. Na Ribeira Grande enfrentavam-se Artur Martins, pelo PSD, e o saudoso Fernando Monteiro, pelo PS.

Foi quando dei à estampa o meu primeiro artigo de opinião nas páginas do “Correio dos Açores”, então dirigido pelo Jorge Cabral, intitulado “A personalização do poder”.

Uma sociedade amorfa é uma sociedade pronta a ser dominada por um candidato a ditador qualquer.

Uma sociedade fechada ao debate das ideias, ao confronto ideológico, dificilmente conhece o progresso em tempo real. É uma sociedade entregue à resignação, à apatia. Não vive. Vê passar o tempo.

Só teme a diferença quem não é capaz de se “impor” pela razão.

Só teme a diferença os fracos armados em espertalhões, aspirantes a ditadores.

O meu amigo Mário Moura, a quem louvo a iniciativa de refundar “A Estrela Oriental”, achou por bem convidar-me para participar neste palco de debate de ideias. Foi com gosto que aceitei. E aqui estou, para aquilo que der e vier.

É com grande satisfação que encontro mais este “oásis” de liberdade de opinião. E sediado na sede do concelho que me viu nascer.

Não sou novo nestas andanças da colaboração na comunicação social. Já conheci e pratiquei a liberdade total de opinião em diversos meios de comunicação social. Sem ter a obrigação de ser politicamente correcto. Já conheci, em democracia, a “censura” oficial e oficiosa, imposta pelo poder do orçamento público, gerido por um regedor, com aspiração a chefe de Estado.

Já conheci, em democracia, a “censura” levada a cabo pelo avançado governamental, encapotado de jornalista.

Mas já conheci, na comunicação social também, gente com uma coluna vertebral que não verga.

Não me parece que o “A Estrela Oriental” virá a estar alguma vez dependente da publicidade paga pelo poder, seja ele político ou económico, seja ele de que cor for. E o Mário Moura nunca teve vocação para vassalo. Bem pelo contrário.

Assim espero. E assim conto em aqui permanecer. Dando o meu contributo para o debate das ideias. Contribuindo para a diferença.

Hermano Aguiar

Paula
Gabinete de Estética

Manicure * Pedicure * Depilação
Tratamento de Rosto * Maquilhagem

Rua do Passal, 16 - Matiz
9600-548 Ribeira Grande

Telefone
296 47 42 56

SAPATARIA LIMA

R. Gonçalo Bezerra, 37 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

casa & objectos

Ribeiragrاندense

Abertos ao sábado

AÇORES

Vieiras, L^{DA}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ALVARÁS e ORÇAMENTOS

IVL

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

Fotolinda

arte em fotografia

Revelações, reportagens,
máquinas fotográficas,
montagens, etc...

Rua El Rei Dom Carlos, 22
Ribeira Grande
Tel.: 296 472 224

Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

Na Galeria Comercial
 do Hiper Modelo na
 Ribeira Grande
 Tel 296 474 559

OS GRAÚDOS
 SNACK BAR

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

A. Machado
 Na Compra e Venda de Propriedades quem decide é **VOCÊ**

296 30 26 50

REF^o 1167 - LOTE
 Fenais da Ajuda
 Área: 400 m²

Lote de terreno, com 20 metros de frente, destinado a construção de vivenda isolada. Com excelente vista panorâmica sobre o mar.

Preço: 27 434 Euros
 5.500.000\$00

Rede Imobiliária **On-Line:**
Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM

REF^o 997 - TERRENO
 Rabo de Peixe
 Área: 4.320 m²

Com fácil acesso. Condicionado a pedido de viabilidade de construção à Câmara Municipal da Ribeira Grande, de vários lotes para construção de casas.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
 MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
 Rua do Passal, n^o17B - 1^oPiso
 9600 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção

ZURICH

LUSITANIA
 COMPANHIA DE SEGUROS, SA

TRANQUILIDADE

À cavaqueira com...

Fátima Senra

“Sou uma mulher que é fruto do ter sabido agarrar as oportunidades que lhe foram surgindo”



“Sou uma mulher que é fruto do facto de ter aproveitado as oportunidades que lhe foram surgindo”. Disse!

Em suma, foi mais ou menos assim que a doutora Maria de Fátima Senra Estrela iniciou a cavaqueira que, amistosamente, lhe havia solicitado para concretizar a tarefa que, há tempos a esta parte, me predispus: entrevistar personalidades que de certo modo têm influído no decurso da cidade e do concelho onde coabitamos.

Estará a faltar à verdade se não informasse o leitor que, desta feita, estava mais à vontade e menos circunspecto que das outras “cavaqueiras” anteriores, pois sou amigo da Fátima desde a infância e, orgulhosamente, seu conterrâneo. O que não implica que estivesse muito menos apreensivo e com um nervoso miudinho absoleto, não só porque conhecia a forte personalidade da minha interlocutora e a desvantagem que por vezes daí advém, mas também porque estava ciente do manancial de informação que iria recolher e da impossibilidade de não conseguir transmitir tudo fidedignamente devido às restrições de paginação a que estou confinado. Enfim, fiz o que pude!

Ao receber-me com a frase com que iniciei este meu escrito, que foi o mote para iniciarmos a nossa amena conversa, a doutora Fátima, passou a relembrar-me episódios da sua infância que eu já havia olvidado, tais como o facto de ser a filha do meio de uma prole de nove filhos, oriunda de uma família dedicada essencialmente à produção e comercialização de produtos agrícolas e hortícolas, onde a perspicácia do pai para o negócio influiu muito, mas em que a sensatez e coordenação da mãe contribuiu, em muito, para o sucesso comercial e humano do seu “clã” familiar. Assim, a minha interlocutora rememorou-me que, devido às características da

actividade laboral que ocorria na sua casa, teve oportunidade de conviver com homens e mulheres oriundas tanto da classe piscatória como com os da “terra” – como se diz em R. Peixe – e que aprendeu muito com a simplicidade, resignação e empirismo daquelas pessoas.

Desde muito nova que a leitura é o seu grande vício, lia os livros que o seu avô e sua irmã mais velha lhe forneciam. Então a leitura era o seu grande subterfúgio. Fez a primária em Rabo de Peixe e o secundário no Liceu Antero do Quintal. Confessa que nunca foi uma estudante feliz, pois sentia haver um “arranjo” pouco sadio entre o que aprendia e a realidade política de então, e o ensino era, apenas, um apelo à memória. Completo o 5º. Ano do Liceu, tinha acontecido o 25 de Abril e a mãe opunha-se redondamente à ida da sua menina para a “convulsa” Lisboa de então. Assim optou por cursar o Magistério Primário e seguir a carreira de professora. Foi nesta fase da sua vida que conheceu alguns professores que lhe marcaram e cuja influência ainda, hoje, se faz sentir. Não se arrepende, leccionou durante mais de vinte anos e sentiu-se muito feliz. Feito o Magistério leccionou na Salga, com 18 anos, onde na mesma sala se encontravam alunos de três classes diferentes. No ano seguinte aceitou ser monitora da Telescola, na Lomba da Maia, onde permaneceu dois anos. Depois foi colocada no Porto Formoso. Nos dois anos em que trabalhou na Lomba da Maia tirou o 7º. Ano e, quando trabalhou no Porto Formoso, tirou o Propedêutico pela Televisão, assim, concretizado este último item, matriculou-se na Universidade dos Açores, continuando a leccionar, agora, em Rabo de Peixe, depois fez estágio para o Preparatório na Escola Roberto Ivens e efectivou-se na nossa Gaspar Frutuoso, onde leccionou 11 Anos e foi sua Presidente

do Conselho Directivo durante um mandato. Sobre este período em que esteve à frente dos desígnio daquela escola disse-me: “inicie o mandato de armas na mão e terminei de lágrimas nos olhos”, tal foi o empenho e denodo a que se entregou àquelas responsabilidades e a compreensão e colaboração do outro pessoal docente, administrativo, auxiliar e discente de então.

Então perguntei: porquê História?

De pronto, respondeu-me: *Para quem já exercia o munus de professora, a História, foi a opção que achei melhor para a complementaridade da minha actividade profissional.*

De facto, quem conhece a Dra. Fátima, minimamente, tem de valorizar o susodito sublinhado, porque foi assim: Ela teve que labutar, de se esforçar e de lutar contra as mentalidades, mas isto parece congénito, está-lhe no sangue, e assim, conseguiu o doutoramento em História e Ciências Sociais, que foi o corolário do “agarrar” de mais uma oportunidade e o melhor caminho, que lhe surgiu, para que pudesse entregar-se integralmente ao ensino e à completa formação dos seus educandos. Estes últimos também tiveram protuberância primordial na sua opção.

Ao casar com o popular desportista do Ideal, João Correia, veio residir para a Ribeira Grande e teve que se aclimatar a uma sociedade “adversa” e virada para o seu umbigo, que aceitava com muitas reservas os não-ribeiragrandenses genuínos. Aqui também o seu bom senso e a sua personalidade forte contribuíram para que desse a volta por cima. É mãe de duas maravilhosas meninas que estão no Ensino Secundário: a Catarina e a Ana Beatriz.

Há poucos anos decidiu ir mais longe e fez o mestrado em História Insular e Atlântica, dos séculos XV a XX, defendendo a tese

subordinada ao tema “O Banco Micaelense: 1912-1979”. Em Dezembro de 2000, a pedido do grupo BANIF, reestruturou a sua tese e publicou um Livro intitulado “88 Anos de Percurso 1912-2000” que narra a história do Banco desde o seu início. Tem entre mãos um outro livro a publicar que debruçar-se-à sobre a Companhia de Seguros Açoreana. São livros de investigação, de cariz académico mas que servem para divulgar as Instituições.

De há uns anos para cá decidiu fazer um interregno na sua vida de professora e aceitou um desafio de ser Directora de Serviços da Juventude. Aqui, nestas suas novas funções, tem como tarefa executar as políticas definidas pelo Governo Regional para a Juventude. É um desafio constante porque é lidar com os jovens numa maneira diferente da que lidava quando leccionava. Fez-me ver que a Juventude dos nossos dias é muito sensível e trabalhadora. Que o jovem é uma pedra preciosa em bruto, que precisa de ser facetada e para que isto aconteça tem que se criar oportunidades aos jovens. E é essencialmente isto que faz na Direcção Regional, dialogar com os jovens, com os pais e tentar organizar programas coadunados com as necessidades da juventude. Pesarosa, afirmou-me ainda que eram os jovens do nosso concelho os que menos conseguem usufruir dos programas que existem para a juventude.

Quando lhe pedi que me falasse sobre a Ribeira Grande e os ribeiragrandenses afirmou o seguinte: “A Rib. Grande precisa de despertar, de descalçar as pantufas, de por a sua imaginação e criatividade ao serviço do seu desenvolvimento. Tem que saber usar as estruturas que já possui e usufruir delas. Tem que se descobrir a si própria. Tem ainda que saber reclamar para si o facto do PIB ribeiragrandense ser um dos que mais contribui para o PIB regional.” De seguida pedi-lhe a já sacramental definição de qualidade de vida e a doutora Fátima Senra replicou-me: “É ter espaço para a realização profissional, social, familiar e poder manter as amizades e afectos conquistados ao longo dos anos. É ter possibilidade de ter acesso a obras de arte, bons livros e poder viver nestas ilhas de bom mar e sol azul.”

Muito mais poderia transcrever e partilhar com os leitores do longo e profícuo diálogo que tive com a minha simpática e querida patrícia, que escolhi para minha interlocutora deste mês, mas, por motivos técnicos do jornal, tenho de ficar por aqui. Não quero terminar sem expressar à Fátima Senra o meu muito apreço pelo bate-papo que mantivemos e agradecer-lhe a sua simpatia e amabilidade com que me recebeu e a fluidez e eloquência com que foi discorrendo sobre os diversos assuntos que pusemos em comum.

Emanuel Martins

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cordeiro, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Telef. 296 30 23 30 Fax 296 63 64 75 iei.sede@mail.telepac.pt

Diálogos: Professor Doutor Mariano Teixeira Alves




Perfil

Mariano Teixeira Alves, filho de Agostinho Alves Arruda e de Maria da Trindade Teixeira, nasceu aos 2 de Junho de 1934, na freguesia da Ribeira Seca, Ribeira Grande, ilha de S. Miguel.

Concluiu os seus estudos secundários no Liceu Nacional Gil Vicente em Lisboa. Frequentou o Curso Geral e o Curso Complementar de Enfermagem para o Ensino e Administração. Depois de alguns anos como docente de Enfermagem e técnico de saúde na Mobil Oil Portuguesa emigrou para o Canadá.

Em Maio de 1976 obteve o Mestrado em Ciências da Saúde (*Health Sciences*), na Universidade de McMaster, Hamilton, Ontário, Canadá, e, em Julho de 1978, o Mestrado em Administração Educacional (*Educational Administration*), na Universidade de Brock, St. Catharines, Ont., Canadá. Em Setembro de 1985 concluiu o doutoramento em *Educational Administration* na Universidade de Alberta, com a tese intitulada *The Creation of the University of the Azores: A policy study*. Em 1987 foi-lhe concedida equivalência ao grau de doutor em “Análise Social da Educação” pela Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação.

Na Universidade dos Açores, onde se encontra como Professor Associado, tem leccionado várias disciplinas da sua especialidade: “Objectivos e Métodos da Escola de Hoje”, “Sociologia da Educação”, “Organização e Administração Escolar” e “Psicossociologia das Organizações”.

Tem desempenhado alguns cargos directivos na estrutura da Instituição, tendo sido Director do Departamento em 1991, função que desempenhou até 1994. É membro do Concelho Científico, Coordenador dos Seminários nas Licenciaturas do ramo educacional, membro da Comissão permanente do Senado Universitário, Coordenador da Formação Contínua e do Mestrado em Educação. Foi vogal da Comissão Instaladora do Cifop.

Além dessas actividades, tem participado, com comunicações, em Congressos, Colóquios e Seminários, realizados no país e no estrangeiro, e publicado artigos em revistas no âmbito da sua especialidade. Ainda dentro da actividade científica, é membro do *Steering Committee do International Network on “The role of Universities in Developing Areas”* (INRUDA) e membro convidado do Conselho Científico do Instituto Superior de Educação e Trabalho (ISET).

RIBEIRA GRANDE PENSOU NUM POLITÉCNICO PORQUE QUER MAIS DESENVOLVIMENTO

Com uma vasta experiência na área das Ciências da Educação, o Professor Doutor Mariano Teixeira Alves, natural da freguesia de Ribeira Seca, Concelho de Ribeira Grande, aceitou o convite do *A Estrela Oriental* para dar algum contributo no que concerne à actual reflexão pública, em parte também promovida por esta *Voz da Ribeira Grande*, em redor da introdução do ensino politécnico nesta cidade do norte da Ilha de São Miguel. Das ideias a reter uma delas passa, imprescindivelmente, pela tomada de posição, não de uns poucos, mas sim da sociedade em geral, das suas ‘forças sociais’, já que é ela quem deve ditar quais os caminhos para o seu equilibrado desenvolvimento.

Universidade e Politécnico: realidades de ensino diferentes

MM - Quais as vantagens ou desvantagens dos ensinamentos universitário e politécnico serem independentes?

MA – Se analisarmos o trabalho encomendado pelo Professor Doutor Cavaco Silva, então Primeiro Ministro, a Michael Porter, conhecido professor de Harvard, universidade norte-americana, o qual resultou no chamado *Relatório Porter*, e se o compararmos com o relatório que este mesmo autor produziu seis anos depois, verificamos que continuamos a ter uma burocracia excessiva, falta de competitivi-

dade e de criatividade. São três elementos interligados, os quais vistos de forma prospectiva ou retroactiva, em que negligenciando-se um prejudicam-se os outros dois. Entretanto, em Portugal, tais factores não foram considerados. Na altura, e mais em pormenor, ele propôs a revisão de uma questão muito importante, a qual estava muito mal tratada em Portugal, que é a Educação. Especificamente tratou de áreas que nunca foram devidamente pensadas. Exemplificaria. Ele falou na educação para a gestão florestal e na capacidade de gestão em geral. Exemplos que podiam beneficiar o turismo, o património, o desenvolvimento autárquico, o desenvolvimento de centros culturais, sociais, etc..

Falemos, então nas vantagens e desvantagens da independência dos ensinamentos Politécnico e Universitário. Em relação às vantagens: as Universidades têm uma concepção diferente da dos Politécnicos (isto é uma crítica ao modelo institucional português), porque são motores de desenvolvimento a longo prazo, uma vez que criam cultura, consequentemente dessa cultura advêm outros factores, os quais impulsionam a concretização de vários fins, enquanto que os Politécnicos não, estes são instituições criadas para darem resposta a situações pontuais, de médio e até de curto prazo. Por exemplo, se se quiser, hoje, alguém para o ajudar em qualquer problema que tenha na agricultura, não tem um técnico agrícola, não tem um gestor agrícola, não

tem um empresário agrícola, tem que recorrer a um engenheiro agrónomo. Só existem técnicos superiores. São exemplos que favorecem a criação de um Politécnico. Estes cursos intermédios poderiam ser administrados no Politécnico. Portanto, enquanto a Universidade tem um fim, tem um mandato tradicional e também moderno, adequado às circunstâncias da sociedade, ela é que se tem desviado, escusado muitas vezes, por dificuldades de carácter social, mas também por ignorância, porque não quer aprofundar as questões, já o Politécnico não, este pode dar respostas imediatas. Quando o Professor Veiga Simão, ainda ao tempo do Estado Novo, pensou no Politécnico, pensou-o como uma instituição para substituir e enriquecer as escolas comerciais e industriais, onde nelas se formavam os técnicos de então. Porém, a ideia, a filosofia fundamental do Politécnico foi deturpada.

MM – Muitas hesitações se têm verificado a partir do Professor Veiga Simão. Quais as razões para o insucesso do Politécnico?

MA – Diria que a Universidade quis chamar a si a responsabilidade do ensino na globalidade, porém, também foram as forças sociais que se desenvolveram para que os Politécnicos ascendessem a um grau mais elevado, ou seja, passassem do bacharelato para a licenciatura. Todos os países têm o secreto desejo de terem filhos doutores Trata-se de

uma doença lusa a que normalmente se designa por *doutorite*. Se o seu filho quiser ser um técnico de electricidade, num curso de dois ou três anos, se é isso que ele gosta de fazer para que é que o hão-de empurrar para a engenharia? É isso que está em causa. Se se pretende um auxiliar de enfermagem, agora banidos do sistema nacional, não há. Agora são todos enfermeiros licenciados. Há que respeitar as vocações dos potenciais utentes do Politécnico.

Em resumo, não é só a Universidade, mas também as demais forças sociais, entre as quais, as famílias, que não querem que os filhos fiquem no bacharelato; querem que passem para uma posição de licenciatura. Também foram os próprios Politécnicos, que ao pretenderem uma pretensa posição mais elevada, desejaram que os seus bacharelados passassem a licenciatura. Não temos nada contra isso, mas há modelos institucionais apropriados para compensar quer as necessidades das Universidades, quer os interesses das forças sociais, quer ainda os diversos modelos de Politécnico.

A deturpação de que falamos afectou quase todos os Politécnicos de Portugal. Há um outro que continua a oferecer bacharelados. Porém, hoje, se se quiser um contabilista, onde encontrá-lo? Encontramos um economista. Isto foi o que a Universidade deturpou pelas razões atrás referidas. Todavia, a ideia de Universidade é a de um local onde se cria Cultura e

Ciência, enquanto que a ideia de Politécnico é a de um potencial local de via profissionalizante, sendo esta, onde quer que exista, e existe muito nos países anglo-saxónicos, uma preparação académica de cariz vincadamente prático não só honroso como imprescindível ao desenvolvimento da sociedade. É o que o nosso País, em nosso entender, precisa, nomeadamente, nos Açores, onde existe necessidade premente de se criar vários cursos a esse nível. Por exemplo, há muitos cursos na Escola Profissional das Capelas, no INOVA, na Câmara de Comércio, e outras, que revistos cairiam facilmente dentro do âmbito do Ensino Politécnico.

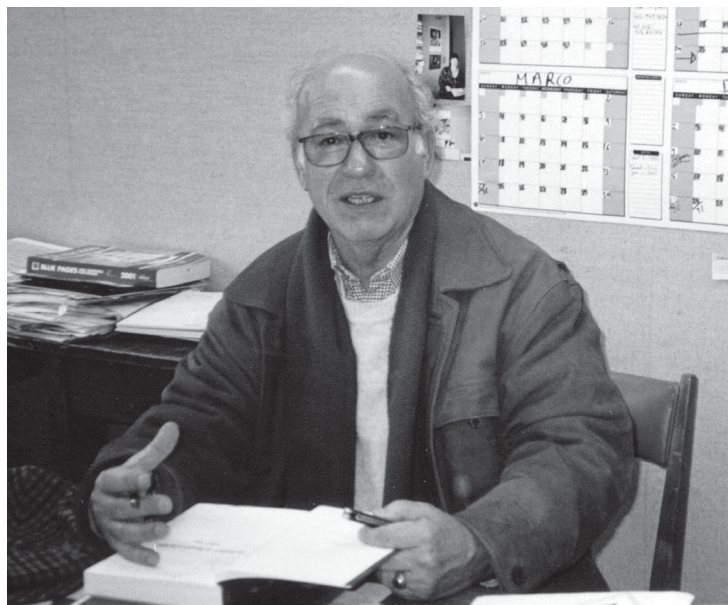
Ribeira Grande deverá criar um cluster de forças locais

MM – Face ao que disse, como vê o Politécnico na Ribeira Grande?

MA - Quando a Ribeira Grande pensou no Politécnico, pensou-o porque quer desenvolver-se. Contudo, há uma ideia que não podemos deixar passar, que é a de *cluster*. A ideia é defendida por Michael Porter, para uma determinada região, congregando elementos com determinadas condições culturais, sociais, económicas e políticas. Isto terá a ver com a autarquia local, com as forças económicas, culturais, sociais e mesmo com o desejo de que haja uma instituição para que as pessoas possam, através dela, concretizar objectivos de desenvolvimento. Mas não basta

Diálogos:

Mário Moura



desejá-los, não é só ter a ideia, é necessário concretizá-los e mantê-los. Portanto, primeiro surge o desejo, de seguida ou logo de início, surge a ideologia, mas depois há que proteger a instituição; temos que assumir que ela existe, que é nossa e que é importante para nós, porque vai trazer residentes e alunos. Depois é a ideia de dar continuidade, é essa a ideia de *cluster*, o qual tem que ser vivido e sentido; tem que ser pensado pelas forças locais, que devem forçosamente ajudar a concretizá-lo. Exige-se pessoal verdadeiramente conhecedor do verdadeiro objectivo do Politécnico.

MM – Qual é o conhecimento que tem do projecto do Politécnico para a Ribeira Grande?

MA – Não conheço nada do projecto da Ribeira Grande. Só conheço o que leio nos jornais.

MM – Como vê a introdução de um Politécnico na sua relação com o desenvolvimento local?

MA – Em primeiro lugar, é necessária a formação da política de um modelo institucional que salvguarde a ideia do Politécnico como uma via profissionalizante

digna e útil. Em segundo lugar, tem de se ter em conta a ideia de *cluster*, porque sem os seus elementos constituintes e sem as forças locais, nada se conseguirá. Tem de haver um compromisso, que reflecta a realidade local. Contudo, como é óbvio, as necessidades podem variar de local para local. Podem ser de *Marketing* ou de contabilidade, se for uma zona muito comercial, ou industrial.

MM – Primeiro, vamos viabilizar a Universidade dos Açores, só depois falamos do Politécnico da Ribeira Grande, como tem vindo a lume na comunicação social? Uma inviabilizará a outra?



MA – Uma coisa não inviabiliza a outra.

MM – Mas a questão fundamental é esta: vem um ministro e acha que o Politécnico deve seguir um

caminho diferente do da Universidade. Vem outro, dirá outra coisa. Não há um fio condutor. Em que ponto ficamos?

MA – Esse é um dos nossos dilemas, um dos grandes dilemas, que é de facto esta sucessão ministerial com ideologias, com políticas partidárias, perspectivas diferentes, sem uma política de desenvolvimento integrado para o País. Até no próprio interior dos Governos existiram vários ministros de educação com perspectivas diferentes. Mas não desfizeram o que já estava feito, ou seja, o Politécnico continua agora a ministrar licenciaturas e não volta atrás, porque, na óptica deles, voltar atrás daria azo a um descontentamento generalizado.

Modelo ideal de Politécnico

MM – Em sua opinião, será proveitoso seguir o modelo anglo-saxónico de Politécnico?

MA – Era o que Veiga Simão pretendia. Porém, alguns Politécnicos portugueses ainda o seguem. Não transformando bacharelatos em licenciaturas. Mas, é necessário oferecerem-se cursos à altura das realidades locais. Daí a prática do *cluster*. A realidade local não pode ser esquecida nem deturpada. Há uma finalidade, que é formar pessoas para uma via profissionalizante que satisfaça necessidades imediatas.

MM – Quadros intermédios?

MA – Sugere-se a visita a alguns Politécnicos portugueses que oferecem bacharelatos.

MM – Acha que há mercado para a Universidade e o Politécnico nos Açores?

MA – Sim. Todavia, há que tentá-lo. As mesmas dúvidas surgiram quando se pretendeu criar uma instituição de Ensino Superior para os Açores. Nada existe sem que se corram riscos. Há riscos individuais e riscos de carácter colectivo. Os colectivos podem ser mais ou menos dimensionados. Houve muita gente que não acreditou que a Universidade dos Açores pudesse vingar. Mas, vingou e está estabelecida. Agora é preciso sustentá-la, fazer com que ela acompanhe as mudanças sociais, que estão operantes, portanto, que tome o pulso à



sociedade. Isto não é teórico, é concreto.

MM – O Politécnico de Viseu é público ou privado? Se é público a que instituição está ligado?

MA – O de Viseu é público.

MM – Portanto, está ligado ao Ministério da Educação. O que era Viseu antes do Politécnico e o que é Viseu depois do Politécnico? Sente-se alguma diferença? A que níveis?

MA – Não posso responder verdadeiramente a essa questão, ela exige um estudo do local, do que está a acontecer, mas certamente que Viseu é uma cidade com um grande desenvolvimento, por exemplo, nas artes, tem museus; por outro lado, tem bons hotéis. É uma cidade do interior, havia razões para o fazer. Hoje, o Politécnico de Viseu tem oito mil

alunos. Eles vêm de vários pontos do País. De facto, Viseu não é a cidade que foi. Ponta Delgada também mudou muito devido à sua instituição universitária. Sem falar no Politécnico ou na Universidade, as escolas profissionais, por exemplo, quer seja a de Lagoa ou a de Nordeste, têm que dar o seu contributo para o desenvolvimento local. Mas teve que haver uma ideia, e houve; teve que haver a sua concretização, e houve; e tem que haver a continuidade dessa ideia, e está a acontecer.

MM – Face à realidade social e económica da Ribeira Grande que cursos sugeriria para um Politécnico?

MA – Não quereria 'meter foice em seara alheia', porém, como cidadão ribeiragrاندense, adiantaria, por exemplo, e porque a Região é deficitária nestas áreas, sugeriria electricistas, técnicos de frio, mecânicos, jornalistas, contabilistas, es-

pecialistas na área do turismo, da agricultura, áreas sociais e outros. Mereceria um estudo prévio. O modelo do Politécnico pode privilegiar cursos de um ano, dois ou três, não tem que ser forçosamente de três anos. Por exemplo, a Universidade ministra licenciaturas, mestrados e doutoramentos. A Universidade pode também fazer bacharelatos, só que não os faz, e por que é que não os faz? Isso não sei.

MM – Não será o que se pretende fazer?

MA – Por enquanto não, nunca o fizeram, ao que parece a política global educativa não o definiu ainda em absoluto.

Administração de Condomínios

Servimovel

Rua do Laureano, nº374 - 9500-319 Ponta Delgada
Telef. Nº 296 38 39 44 - fax nº 296 38 38 35
Telemovel nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

JOSÉ DO COLTO, LDA.

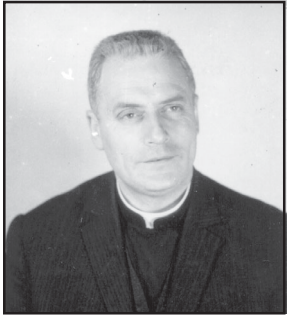
AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419

Aos Novos IV

A Educação



Continuando a minha mensagem aos Novos e trazida no *A Estrela Oriental* do p.p. Junho, revê-se agora com nomes e

perfis de grandes protagonistas, a nível nacional, introduzidos já nos quadros da História Pátria. Não foi difícil seriá-los, pois a própria História Pátria, outorgou à Rainha D. Maria II, o cognome de Educadora e Boa Mãe.

A Página que ofereço aos Novos, extraída do livro 'A Rainha e a Mulher' de Ester de Lemos. 'A rainha tinha a segurança, a firmeza de convicções, a alegre fortaleza de alma que fazem o bom educador. Recta, piedosa, amando a virtude e o dever, o seu maior escrúpulo foi, como é sabido, orientar dentro desses princípios os filhos que Deus lhe confiara. Constantemente fomentava a união, a boa convivência entre os príncipes, que brincavam juntos e davam uns aos outros, como quaisquer crianças, carinhosos nomes de mimo'. E, ninguém como o filho mais velho que lhe sucedeu no trono, pôde confirmar: 'Minha Mãe, que aprendera na escola da desgraça, que tinha os instintos muito superiores à sua espécie, conseguiu de nós, o que há séculos não via a Casa de Bragança: que os irmãos vivessem unidos'. Agora, continuo a transmitir a página iniciada de Ester de Lemos: 'os cuidados do governo, o contacto com os espíritos adultos e complexos, com assuntos difíceis de alta política, não tinham inutilizado D. Maria para a compreensão das coisas subtis duma alma infantil. Foi ela própria quem arranhou, entre as múltiplas ocupações da sua vida oficial, tempo de ensinar as primeiras letras ao príncipe real e decerto aos outros infantes. Os mestres para príncipes eram escolhidos segundo um critério seguro, nenhuma recomendação ou favores, nenhuma considerações de jerarquia. A competência profissional, a respeitabilidade, os bons princípios eram as determinações da escolha. Francisco António Martins Basto não passava de um modesto professor de latim, que ensinava uma dúzia de meninos no seu Colégio de Nossa Senhora da Conceição quando o procuraram para mestre do príncipe real, o velho latinista julgou sonhar. Confuso por ter sido o escolhido, ponderou à rainha que era um humilde mestre de latim, competente talvez para ensinar meninos particulares, mas não, com certeza, príncipes. D. Maria respondeu-lhe sorrindo: todos são meninos...'. A transcrição foi um tanto longa, pois não só oferece aos novos, conceitos de raiz, como também nos adverte da educação daqueles que tinham que ficar à frente dos povos. E, não é fácil aos novos e velhos do meu tempo, encontrarmos páginas de tão sublime literatura.

E D. Carlos, neto de D. Maria II, tinha de escolher também um educador para o seu filho e herdeiro, D. Luís Filipe, o Príncipe da Beira e não lhe foi difícil a escolha. Acabara de chegar de Moçambique, aureolado de glória, Mouzinho de Albuquerque a quem o historiador João Ameal chamou uma espécie de condestável reincarnado. A campanha de África que se baldara após a

vitória de Chaimite, pela libertação de Moçambique, não se consumou sem a sua colaboração de soldado, administrador e político. E Mouzinho recebeu de el-rei D. Carlos, uma grande prova de amizade, quando lhe entregou o filho, dizendo: Aqui o tens, faz dele um homem e lembra-te que há-de ser rei. Nem assim Mouzinho foi feliz, pois os parlamentares e políticos do seu tempo, transtornaram-lhe os planos que traçara para o ultramar português.

O governo da metrópole desinteressa-se pelo nosso património ultramarino. Angola com toda a sua riqueza e potencialidade adormecidas, começa a interessar o estrangeiro. Com efeito, é após o *ultimatum* que reagimos um pouco mas tardiamente. É esta situação que transparece no episódio agora a correr no canal açoriano do turbulento crime do 'Angola e Metrópole' de Alves dos Reis. O sistema parlamentar português, servindo dois partidos em rotativismo imperante, provoca a ruína da nação e os historiadores míopes, endossam-na à monarquia. A História tem as suas regras, não se recusa nem se lamenta, aceita-se! E aceita-se o grande paradoxo que se levanta em relação às antigas colónias ultramarinas: Portugal em não as segurar, vê cair o regime monárquico e mais tarde, pretendendo segurá-las até com a guerra colonial, vê cair o Estado Novo Português. O ultramar, não esqueceu o trabalho insano que desenvolvemos, os interesses mesquinhos e privados é que o abafaram. Em 1907, o jovem príncipe da Beira (nome dado ao herdeiro do trono português) D. Luís Filipe, visita em missão de soberania o ultramar, cativando nativos e colonos. A sua memória ficou perpetuada e ligada a uma nova cidade que surgia a norte de Moçambique e que passou a chamar-se cidade da Beira. É curioso que a toponímia, que os portugueses deram a inúmeras povoações africanas, é substituída por outra totalmente nativa, mas a Beira, com marca de excepção, continua a chamar-se Beira, em memória do malogrado príncipe, abafado em sangue, na tarde de 1 de Fevereiro de 1908.

Este trabalho a encaminhar-se para o seu termo, apresentou à reflexão dos novos dois inconfundíveis vultos nacionais, com acção bem marcante e até dramática. É assim o papel educativo dos grandes, na alma e no corpo, conquanto tenha vindo à barra da comunicação social nestes últimos tempos, não só por parte dos que ascendem ao poder, como dos que lhes outorgam o voto. Pode ler-se com frequência: *assembleia com papel demasiado apagado: o povo não se sente envolvido nas eleições; a força da razão é muitas vezes suplantada pela força física; as pessoas sentem-se marginalizadas em relação à Europa; o povo desconhece os assuntos europeus, não tem informação, nem voz e até A Estrela Oriental, no seu último número, na secção Desporto, pela pena de Nelson Reis, lastima que 'na maioria das vezes, a classe política, possui uma visão reduzida do fenómeno desportivo'*. Pois, se é assim no desporto, é ainda mais, nos outros sectores da vida social. Hoje, tudo se aprende nas universidades públicas e privadas: letras, ciências, economia, desporto, etc., etc., menos política. O Açoriano Oriental, na secção: Diga Leitor, em artigo não há muito publicado, de um antigo aluno desta cidade, Eduardo Miguel Silva Melo, hoje credenciado com o curso de



D. Maria II, a Educadora

economia e Mestre em Gestão de Empresas, trazia uma sugestão que só por si vale reflexão: 'as autarquias deviam funcionar da melhor forma para responder aos anseios das pessoas que representam'. Silva Melo encerra o seu artigo com vários considerandos, citando o conceituado crítico


televisivo, professor César das Neves que, em um dos seus brilhantes artigos, refere que actualmente são precisas habilitações mínimas em todas as actividades, excepto nas relacionadas com o poder político.

Quando o povo não está educado e suficientemente instruído nos ideários dos partidos, o deputado a eleger recebe um voto de mão beijada, sem relacionamento algum entre os dois protagonistas das urnas, o que levou um filósofo espanhol a afirmar, que o acaso das urnas, sobretudo tratando-se de eleições para as supremas magistraturas, superava o do berço dos príncipes.

Dou por encerrada esta mensagem para os novos, concluindo que o problema de educação deve preocupar toda a classe social, pois os valores morais não podem ser defendidos apenas pelos políticos.

A próxima mensagem vai circunscrever-se à acção educativa da Igreja, através de duas ordens religiosas para tanto vocacionadas.

Padre António Rocha



FESTIVAL MOINHOS 2002

POP Del ART (Portugal)
REGGAE (Londres)
KIDS OF THE METAL (Lisboa)
CHAMÃ (S.Miguel)
HANGOVER (S.Miguel)
DJ de Londres / DJ de Lisboa

Visite-nos e divirta-se!

Organização: KAIRÓS _ Organizações Periféricas e Café PUB "O MOINHO"

Patrocínio: Câmara Municipal de Ribeira Grande, Junta de Freguesia do Porto Formoso, Café PUB O Moinho

Dias 26, 27, 28 e 29 de Julho na Praia dos Moinhos



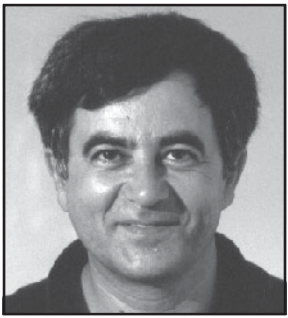
ala boote

Boa Gastronomia com o Mar Como Horizonte

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

Plano Municipal e as grandes opções

Escolha decisiva



Os órgãos autárquicos iniciaram este ano de 2002 um mandato de quatro anos que assume uma importância decisiva, porque até 2006 terão de tomar opções inadiáveis.

Neste mandato ainda haverá possibilidade de concorrer a financiamentos comunitários com larga participação dos fundos da Comunidade para a realização de obras estruturais importantes.

Na década de 90 as Câmaras Municipais apressaram-se na elaboração e aprovação do respectivo Plano Director Municipal (PDM), pressionadas pela ameaça da não obtenção de fundos comunitários.

As Câmaras da Região, pelas dificuldades em contratar gabinetes disponíveis e pelos atrasos resultantes das dificuldades dos gabinetes, sediados no continente, em entenderem as especificidades regionais, puderam ir adiando a aprovação do seu PDM sem serem prejudicadas nos concursos.

Na Ribeira Grande (estamos a escrever em Maio de 2002) o PDM ainda nem foi colocado à discussão pública.

Independentemente da necessidade de se cumprirem prazos para a apresentação de candidaturas aos financiamentos é fundamental a decisão sobre as prioridades para a concretização de projectos, de molde a assegurar um desenvolvimento equilibrado, que não provoque mais prejuízos que benefícios, ou origine gastos depois considerados fúteis ou inúteis. Um exemplo - o paredão construído ao lado das Poças e que mais tarde foi "aberto" para não ser tão nefasto. É necessário decidir por opções mais acertadas, porque estas vinculam os decisores (os autarcas) e afectam toda a população, que é quem paga os benefícios e os prejuízos causados pelas boas e pelas infelizes decisões. Um grupo representativo apenas de uma parte da população não pode arrogar-se a decidir por todos. O voto, com toda a sua legitimidade, não é concedido para decidir sozinho, sem ouvir ninguém.

Plano autocrático

O documento designado como "Grandes Opções do Plano da Câmara Municipal" (GOPCMRG) para este quadriénio, pela premência que atrás se vincou, deveria estar em conformidade

com o PDM previamente aprovado, depois de ter sido apresentado, colocado à discussão pública e tendo merecido o consenso alargado da população interessada, o que ainda não aconteceu.

Todos os outros Planos, de urbanização, de pormenor, anuais de actividades da Câmara Municipal, devem merecer a contribuição dos vários sectores da sociedade, não apenas dos que gulosamente espreitam o engodo de vir a lucrar com eles. Ouvir alguns e depois fazer ao contrário das sugestões recolhidas, mesmo nos pequenos pormenores, é provocar o descontentamento, originando o repúdio por aquilo que devia unir. Como se pode defender um projecto de desenvolvimento, se nem nos pequenos pormenores as sugestões são acolhidas?

A não aprovação das GOPCMRG na Assembleia Municipal, com os votos contra do agrupamento do PS (menos dois) e votos a favor do agrupamento do PSD (menos três), deu oportunidade à Câmara Municipal de reformular aquele, contemplando as solicitações feitas.

De acordo com o orçamento disponível, é possível definir prioridades que estejam de acordo com as definidas pelos eleitos locais, que são os que mais próximo estão dos anseios das populações e por isso é que foram eleitos.

Plano tecnocrático

Um Plano anual, que é vinculativo para uma mandato, não é feito apenas de pequenos nada. Por isso contém as "Grandes Opções".

Se os gabinetes técnicos são os únicos com competência para a elaboração de projectos de pequenas obras, igualmente serão para elaboração de planos gerais como os PDM, planos de urbanização, ou planos de pormenor.

O Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) é uma instituição nacional reconhecida internacionalmente há dezenas de anos. Por exemplo, elaborou estudos tão diversos como importantes para grandes barragens nos Estados Unidos, para grandes edifícios anti-sísmicos no Japão, ou para a recuperação do areal da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Foi encomendado ao LNEC o estudo para quebrar o impacto das ondas na zona do Castelo - Poças, tendo concluído pela solução de um pontão ou quebra mar.

É evidente que a resposta depende da pergunta, ou encomenda que é feita, e é inquestionável a validade da resposta, de acordo com os dados disponíveis. No entanto



não são disponíveis os dados suficientes, porque sobre o comportamento do mar na zona não existem registos e, mesmo que existissem, as modificações operadas nos últimos 15 anos por obras avulsas, não permitiriam que aqueles fossem fiáveis.

Se perguntassem a um laboratório qual o melhor metal a utilizar nos chuveiros, ou nas torneiras, para garantir o mínimo de corrosão, a resposta seria óbvia - ouro! Será que algum louco iria gastar dinheiro em torneiras de ouro em qualquer balneário público?

E a população, consentiria pagar?

Mas tem consentido que se deem construções abaixo meia dúzia de anos depois de concluídas, para voltar a fazer de novo com outro aspecto. E consente que se façam obras e depois se deixe o equipamento ao abandono e sujeito à degradação. E que deixem estragar equipamentos que já foram úteis e sujeitos à destruição por desleixo ou incúria.

Todos os que, apesar de tudo, persistem em tomar banho, nadar, fazer bodyboard ou surf, ou mergulho, ou pesca em **toda** a baía da Ribeira Grande têm todo o direito de questionar se não seria prioritário evitar que o mar estivesse tão poluído e com água turva, devido aos esgotos, ao lixo e tudo o mais. Se não seria preferível investir nas diversas zonas balneares, em vez de concentrar tudo numa só que já atingiu o grau de saturação na sua frequência e com intervenções que colocam em risco o equilíbrio da zona.

Plano Democrático

O projecto do Teatro e Centro Cultural da Ribeira Grande foi apresentado pelos técnicos projectistas e discutido por um conjunto de pessoas e obteve o parecer de instituições culturais. Daí resultou uma obra que todos

reconhecem, incluindo o Maestro António Vitorino de Almeida, como adequada às necessidades e dimensões da nossa Cidade e Concelho.

O Plano de Salvaguarda da Caldeira Velha foi apresentado em primeira mão à Câmara Municipal pelo próprio Director Regional do Ambiente, mas foi posteriormente apresentado a um conjunto de pessoas, que expressaram as suas opiniões consideradas pertinentes pelos técnicos que elaboraram o estudo. Não pondo em causa a competência deste, as sugestões ajudaram a reforçar as intenções expressas pelos técnicos.

De acordo com o Arquitecto Vasco Croft de Moura (*) "quando as pessoas que habitam qualquer lugar estão efectivamente envolvidas na sua construção e administração tudo funciona melhor; é provável que o lugar tenha mais qualidade, seja melhor conservado e que utilize melhor (...) os seus recursos". Acrescenta que aquele envolvimento significa "para os arquitectos, apoiar e ouvir as pessoas nas várias fases dos processos que coordenam, ao invés de produzirem projectos fora da esfera da vida real das pessoas. Para os políticos e os burocratas, significa descentralizar recursos e decisões, não travando a iniciativa local. Para os cidadãos significa aceitar a sua responsabilidade no desenvolvimento positivo do ambiente em que vivem".

Conclusão

Poderíamos citar vários exemplos de projectos tecnicamente irrepreensíveis, mas feitos em estirador, sem respeitarem o espaço físico já existente e sobretudo as pessoas.

Cita-se apenas como exemplo a proposta de projecto do Plano de Urbanização da Cidade, onde se inclui um traçado da via marginal em linha recta desde o Bandedo

até Sto. André, sem respeitar a orientação da linha de costa original, nem a orografia do terreno, comprometendo toda a envolvimento a montante e inutilizando a relação com o mar e a praia. Para cúmulo prevê a plantação de palmeiras de um lado e do outro da via e ao meio e o desenho apresentado posteriormente como projecto de zona balnear das Poças entra em contradição com o anterior.

Citando ainda o Arq. Vasco Croft de Moura, porque traduz exemplarmente o modo de elaborar um Plano ou Projecto, defendendo uma atitude de reflexão dos técnicos: "em vez dos planos geométricos, rígidos, tirados a régua e esquadro, ou saídos do computador, enviados à distância para cada local, devemos ter presente onde está a vida, onde estão as pessoas e o espaço onde vivem."

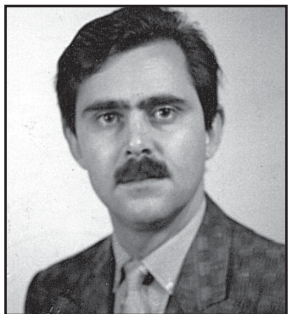
A urgência de tomada de decisões e a responsabilidade das suas implicações futuras exigem uma articulação entre todos os projectos e obrigatoriamente incluídos no PDM.

Este já devia ter sido apresentado e amplamente discutido, porque contém a estratégia de desenvolvimento do Concelho à qual todas as "coisas pequenas" das GOPCMRG deveriam estar articuladamente sujeitas, porque comprometem o futuro até 2006. E depois de 2006?

*Croft, Vasco, *Arquitectura e Humanismo, O Papel do arquitecto, hoje, em Portugal*, Lisboa, Terramar, 2001.

A propósito do «Politécnico para a Ribeira Grande»

Carta aberta ao Dr. José de Sousa Rego



No «A Estrela Oriental» de Março deste ano, saiu um artigo de opinião do Dr. José de Sousa Rego sobre o «Politécnico para a Ribeira Grande». É sobre esse artigo que me reporto.

Podíamos ter esta conversa individualmente e, pronto: o assunto ficava arumado. Mas não! Quero-a trazer a público, neste estilo de «CARTA ABERTA» pelo valor pedagógico que lhe quero imprimir. Personalizo-a. Dirijo-a ao homem que vive a Ribeira Grande. Homem de coragem e de carácter, com um perfil político e com uma sensibilidade muito próprios, o que abrange muito mais do que ter sido o homem que deteve responsabilidades políticas no mandato anterior da Câmara Municipal e do que ser hoje o homem que as detém como deputado regional eleito pelo Partido Socialista na qualidade de independente.

Independente ele sabe ser e estar, ainda que possa já ter-se filiado (?). Mesmo dentro do PS, há espaço para

liberdade de expressão. De contrário ele não traria à discussão pública uma questão que não é minimamente consensual dentro do PS da Ribeira Grande. Ela sofre aí do desdém de ter sido dada a público pela força política contrária, o PSD.

E não devia ser assim. O PS da Ribeira Grande devia posicionar-se perante os ribeiragrândenses com a responsabilidade de quem marca hoje a História dos vindouros, não ao sabor de fervores oposicionistas, e, no caso concreto do Politécnico, devia pensar se está de facto a prestar-lhes um bom serviço cerceando uma solução afirmativa e, ao mesmo tempo, ao não envidar esforços para que tal solução não derrape para a tão propalada insírdia da «Universidade de vão de escada».

Uma Universidade de vão de escada não me mete medo. Todos se lembram em que condições nasceu a Universidade dos Açores. E agora, como é que ela está?

Se esta insinuação se refere às instalações (que é o mais provável), então é porque os objectores só se conseguem ver instalados nas suas casas sumptuosas, que lhes custaram dezenas de milhares de contos, e não vêem instalações condignas para o Politécnico para além de casas;

ou, então, é porque olham para o centro da Cidade e não lobrigam edifício algum que acolha tal instituição. A estes eu recomendo: expandam as vistas; lancem um olhar sobre o Morgadio do Vencimento (que, infelizmente, ficou inviável com o bairro que se implantou lá, a Sul, mas tem, entretanto, outras potencialidades para poente, para onde a cidade está a crescer, mais desafogada, e onde os Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande podem construir, na sua sede nova, estruturas polivalentes que sirvam o Politécnico) ou ao solar da Mafoma, um edifício monumental, com o museu do chá ao pé, com lugar nobre para parque de estacionamento e casas para residentes em frente, com terrenos sem fim para uma expansão sustentada e com o parque industrial à beira para servir como centro de estágios. A Cidade pode crescer, também, para aqui. Teremos aqui instalações que prenciam uma «Universidade de vão de escada»?! Vão de escada?! Não vejo. Maledicência?! Sim, vejo. Infelizmente, nós, os ribeiragrândenses, não sabemos unir-nos nos grandes projectos que irão projectar a Ribeira Grande. Quando surge uma ideia nova tem logo um «pitafe» ... Procedemos quais ovelhas negras em

carneirada, com a chamada «elite intelectual» na vanguarda, salvo raras e honrosas excepções. Para mais, sobram terrenos suficientes no espaço da Escola Secundária que o célebre Dr. Manuel Barbosa, infelizmente já desaparecido de entre os vivos, sempre viu como a Cidade Académica. Teríamos aí uma solução de complementaridade excepcional, com os estudos básicos integrados, secundários e superiores em perfeito intercâmbio espacial e pedagógico.

Se a dita insinuação de «Universidade de vão de escada» se refere a um corpo docente com estabilidade, competência e prestígio, aí eu estou completamente de acordo com o Dr. José de Sousa Rego: instituição pública com vínculo à Universidade dos Açores. Espero que com este modesto artigo de opinião ter contribuído para a discussão pública que se faz necessária para usufruirmos, como o Dr. José de Sousa Rego diz: «das propostas que melhor poderá contribuir para o desenvolvimento do nosso concelho, em termos culturais, económico e sociais» (sic). Espero ainda ter despertado mentes adormecidas entre socialistas renitentes, dizendo-lhes que se o PS perder este comboio não terá como não ser punido pela História próxima e recente, e

também espero ter acabado de vez com a polémica de uma estrutura para instalações.

O meu aplauso para o Dr. José de Sousa Rego.

E, já agora, pedia-lhe que ele avançasse com a proposta (de que já me pôs a par, dizendo-lhe eu, modéstia à parte, que nunca imaginara que alguém pudesse vir ao encontro de uma ideia que eu já havia tido) de uma ligação pedestre do acesso ao Parque Infantil, do lado da Câmara até ao «Ala bote». Alguém tem que pôr cá fora as ideias de alindamento funcional da nossa Cidade. Só assim o PS pode afirmar-se com uma capacidade renovada de inovação.

Juvenálio Custódio Cabral do Rego

Militante do PS na Secção da Ribeira Grande

visite-nos



Jardins Panorâmicos
Fábrica de Chá
Espaço Museológico
Sala de Chá e Loja
Horário: das 10 às 18H
de Segunda a Sábado

Destaque

Rabo de Peixe: primeiro relvado sintético

No dia 19 de Maio último, teve lugar a inauguração do primeiro relvado sintético no Concelho de Ribeira Grande. Trata-se do piso do Estádio do Bom Jesus, freguesia de Rabo de Peixe. António Pedro Rebelo Costa, Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, tal como adiantou ao *A Estrela Oriental*, outros se seguirão, nomeadamente nos campos de futebol das freguesias da Maia e do Pico da Pedra, para os quais os seus processos já se encontram em preparação. Posteriormente, a Ribeirinha também poderá vir a beneficiar de um relvado sintético.

Ainda ligado ao desporto, na freguesia de Rabo de Peixe, e depois de também já consolidado um polidesportivo descoberto, concretamente na zona de São Sebastião, mais empreendimentos se aguardam. António Pedro Rebelo Costa adiantou que há que se investir na sede social do clube de futebol local, evitando-se assim que o mesmo ande, qual caracol, com a casa às costas, bem como numa zona balnear, situação incontornável numa freguesia ligada ao mar, no sítio conhecido por Pesqueiro.

Depois de alguns anos de interregno, o Clube Desportivo de Rabo de Peixe, vencido pelo União Micaelense, por um expressivo 14 a zero, em jogo inaugural do seu sintético, renasceu das cinzas pela mão do jovem Jaime Luís Melo Vieira [grande admirador de ex-jogadores de futebol da terra, como Farol e António Jacinto, e do ainda activo Ganeira], seu actual Presidente. Em rigor, Jaime Vieira tem sido um polivalente no clube: presidente, treinador e atleta. Aliás, a ideia inicial para a inauguração do sintético do Bom Jesus seria a de trazer à freguesia a equipa do Boavista, a militar na I Liga do futebol português, para defrontar o União Micaelense e, em simultâneo, formalizar um Protocolo de Cooperação com o Desportivo de Rabo de Peixe, cujo conteúdo, para além da sedimentação de uma filial dos axadrezados, os decorrentes apoios em material desportivo para um Clube com muitas dificuldades. Refira-se que o dito Protocolo ainda se encontra em *Banho Maria*, prevendo-se a sua concretização no início da próxima época. Porém, outro Protocolo se adivinha para antes da temporada 2002/2003. Desta feita com o União Micaelense. As suas conseqüências poderão ser deveras benéficas: fazer rodar jogadores do União no clube rabopeixense, apoio no âmbito da medicina desportiva e potenciais equipamentos. No que toca a mais investimentos no âmbito do desporto na freguesia, Jaime Vieira propõe a criação de um polidesportivo coberto, como forma de dar continuação à prática desportiva durante o Inverno, uma bancada central, lado da Tribuna, para o Estádio do Bom

Nortadas

nortadas@mail.pt

O 2.º jornal mais antigo do país!

Não se trata de prosápia ou de mera jactância, mas da verdade nua e crua: o título *A Estrela Oriental*, cuja primeira sede se situava na rua do Passal, freguesia da Ribeira Grande – Matriz, fez em 26 de Maio pretérito, 146 anos de existência, o que o torna assim, a seguir ao patriarca *Açoriano Oriental*, o segundo mais antigo do país e do arquipélago. Foi-lhe concedido, há dois meses, o ‘Porte Pago’ e, em Maio, foi aceite como membro da AIND (Associação Nacional da Imprensa Não Diária). Foram, mais a colaboração dos que nele escrevem, dos que o lêem, ou dos que nele fazem publicidade, as nossas prendas mais apreciadas. Tentaremos, nós e todos os colaboradores presentes e futuros, estar à altura dos seus pergaminhos. O que não é fácil.

Cidade florida

Quatro plátanos foram substituídos por quatro desditosos ulmos do adro da igreja de Nossa Senhora da Estrela derrubados pela velhice e o ar da Cidade rescende a esterlícias, sardinheiras e amor-perfeitos. Dir-se-ia que se trata do mais perfeito Festival de Primavera que porventura a autarquia nos poderia oferecer, graças ao empenho do seu Presidente, e, se nos permitem destacar, ao desempenho do Eng.º João Vasco Sousa Pedro. Continua o bom trabalho.

Leões forretas!

Os senhores Petinga e Canário, notórios ‘leões do Norte’,

celebraram com um lauto churrasco de galinha regada a vinho tinto a vitória dupla do seu *Sporting Club Jardel* treinado pelo Sr. Mário Boloni. Apesar de terem finto o nosso jornal, ao estilo das de João Pinto, daqui endereçamos os nossos desinteressados parabéns.

Miradouro da Vigia da Baleia

Decididamente, a freguesia da Ribeirinha, uma das quatro que compõem a Cidade, de há uns tempos a esta parte, tem medido meças com as demais. Desta vez há que dar os parabéns à sua Junta pela louvável iniciativa de fazer construir um magnífico miradouro, de onde se desfruta uma paisagem de cortar o fôlego. Fica no local da antiga vigia da baleia, próximo do Farol de Santa Iria. Pena é que os proprietários do caminho de acesso ao centário Porto de Santa Iria, será a Junta Autónoma dos Portos, a Capitania, ou a Secretaria da Agricultura e Pescas?, não o asfalem.

Jaime Rita

A Maia está de parabéns pela iniciativa da Semana Cultural levada a cabo pela Junta presidida pelo Sr. Jaime Rita. Tendo um Pai e um Tio do mais puro quilate ‘leonino’, outra coisa não seria de esperar. Aguardamos a próxima.

António Anacleto

Este dinâmico autarca, recentemente eleito Presidente da Junta de Freguesia da Ribeira Grande – Matriz, tem na calha, segundo nos segredaram, a construção de

um miradouro no cimo do Pico das Freiras. A concretizar-se, o que será possível com a colaboração do proprietário do terreno, constituiria mais um magnífico contributo para a qualidade de vida dos seus fregueses e forasteiros.

Carlos Anselmo

Mais um autarca estreado cheio de ‘sangue na guelra’, também da área citadina, que consegue transpor para o serviço cívico a fogaçidade e a entrega próprias de um antigo atleta de futebol. Em primeiro lugar, em nome dos nossos leitores, queremos agradecer-lhe a reabertura da Praia de Santa Bárbara. Em segundo lugar, dar-lhe igualmente parabéns pela iniciativa conjunta com este jornal do Suplemento sobre a Madre Teresa. E, por último, fazer votos de que o sonho de adquirir um imóvel para sede condigna da Junta de Freguesia de São Pedro, como o saudoso Dr. João Gil Tavares gostava de se referir à sua terra natal, se concretize.

Mário Miguel

Ainda outro ‘jovem turco’, igualmente da área urbana, recentemente eleito para dirigir os destinos da freguesia da Ribeira Grande – Conceição. Está a dinamizar a reabertura da Banda do Progresso e, ao que consta, do seu Benfca Águia. Além do empenho que dedica à reestruturação condigna da Caldeira Velha. Bem haja. Mas atenção ao lixo que prolifera junto à área adjacente do Modelo!

2.ª Fase da Variante

Prossegue de vento em popa os trabalhos de construção da 2.ª Fase da Variante Sul à Ribeira Grande. Pelo que à imprensa tem chegado, e segundo este governante fez constar, no Natal de 2003, queira Deus que sim, já estará operacional. O que agradecemos ao Senhor Secretário José Contente. E quanto à segunda Fase da estrada Ponta Delgada – Lagoa – Ribeira Grande? Ou quanto à participação do Governo Regional na Via Litoral da Ribeira Grande? Ficamos perplexos pelo facto de o Governo Regional não se oferecer, tal como o fez e fará para a avenida de Ponta Delgada, ou até da Ribeira Quente, sabendo que o Concelho da Ribeira Grande é aquele que seguramente tem mais problemas, a participar naquela infra-estrutura vital para o ordenamento urbano da Cidade e do Concelho. Porquê?

Suplemento Desportivo

Constituiu um êxito inegável o primeiro suplemento desportivo que o nosso jornal lançou no número transacto. Deu gosto ver em tascas, nas esquinas, nos cafés, o uso que, velhos e novos, cultos ou incultos, fizeram dele. Não há melhor recompensa do que a de ver o público gostar do nosso trabalho. Também haverá suplementos para outros clubes.

Não é preciso agradecer, nós é que agradecemos

A emissão da RTP/Açores dedicada ao Dia da Autonomia

centrou-se, e muito bem, nos Festejos do Divino Espírito Santo da freguesia de Rabo de Peixe. Entra pelos olhos dentro que o trabalho de fundo do nosso Director-Adjunto sobre a temática publicado o ano passado serviu não só de guião como de catalisador ao programa. Defende-se a dignidade das terras estudando-lhes os usos e os costumes. Nem é preciso agradecer, pois é para isso que aqui estamos! Mas, se o fizessem, não o enjeitaríamos.

Beatificação da Veneranda Madre Teresa

A Maria Corisca, de 12 de Maio transacto, propôs-se apenas ao tortuoso processo de Beatificação da ‘nossa’ Venerável Teresa de Jesus as tradições religiosas derivadas do culto dedicado àquela Madre na sua terra natal. Basta que consultem o Suplemento sobre a Venerável que o nosso jornal deu à estampa em Maio passado. Também não é preciso agradecer! Mas também não o enjeitaríamos.

Que Jardim?

Se se pretender um Jardim de Candeeiros, haverá flores a mais e Candeeiros a menos, ao invés, se se pretender um de flores, haverá Candeeiros a mais e flores a menos. Trata-se do actual arranjo do mimoso ‘Jardim’ fronteiriço ao Posto de Turismo. Os cujos devem realçar as flores, não as flores os ditos.

Jesus, dando-se assim melhores condições ao espectador, uma pista de atletismo, mesmo que em asfalto, para não se pensar em outra, polarizando-se assim o desporto até em termos concelhios, tal como o será para a utilização do sintético, bem como dando-se a inevitável protecção ao novo piso, já que o *cascalho* que, entretanto, lá se encontra, só o poderá prejudicar. Finalmente, na opinião de Jaime Vieira urge apoiar o Clube de futebol na aquisição de mais um carro para transporte de atletas, possibilitando-se inclusive a criação de mais escalões de formação. No presente, o Desportivo raboixense conta com vários escalões, um sénior e cinco de formação, num total de mais de 100 atletas, todos a participarem nas provas da Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Com esta brilhante iniciativa *A Estrela Oriental* reconhece que existem bastas razões para se acreditar na gradual qualidade de vida na freguesia. Que todas as entidades, oficiais e até mesmo privadas, continuem a dar as mãos!

Caldeira Velha: Projecto de Intervenção

A Junta de Freguesia de Ribeira Grande-Conceição, Cidade de Ribeira Grande, em Maio passado, procedeu à apresentação, junto da Secretaria Regional do Ambiente (SRA), de um projecto de intervenção para a tão afamada Caldeira Velha. A cerimónia de apresentação deu-se no Polivalente daquela Junta de Freguesia, sito à Rua Vigário Matias.

A Junta, constituída pelo Presidente, Mário Miguel Furtado, o Tesoureiro, Carlos Gaipo, e o Secretário, Nelson Tavares, com tal iniciativa pretende melhorar a actual situação da Caldeira Velha, nomeadamente através da resolução de algumas disfunções ambientais que se verificam na zona. Contudo, o desejo em desenvolver esforços para melhorar a Caldeira Velha, por forma a permitir uma gestão integrada e eficaz, está presente em toda a população da Freguesia de Conceição, bem como do Concelho de Ribeira Grande.

Para quem não conhece a Caldeira Velha, a mesma situa-se por baixo de uma rocha perpendicular, na parte Sul da cratera da Lagoa do Fogo. O seu acesso dá-se pela estrada que liga a Cidade de Ribeira Grande àquela lagoa. A Caldeira Velha é um charco de água lodosa, de trinta pés por vinte de largo. Há um cheiro de hidrogénio sulfuroso, o qual envolve, deliciosamente, a zona. As pedras na água e à sua beira estão revestidas de uma crosta amarela.

Devemos ter sempre em mente que a preservação do ambiente é imprescindível para o desenvolvimento futuro. Este não passa apenas por construir edifícios mas também por preservar e implementar espaços verdes.

Quatro Espírito Santos

A rua Gonçalo Bezerra, na freguesia da Ribeira Grande – Matriz, Cidade de Ribeira

Grande, oferece-nos três curiosidades: a sua estrutura urbana é uma deliciosa reminiscência da malha urbana tardo-medieval ribeiragrandense. Repare-se que os acessos secundários das casas do lado Nascente da rua do Botelho, dão para ela, e os das do seu lado Nascente, dão para a rua do Barracão Velho. O mesmo se verifica, por exemplo, nas ruas da Praça e Sousa e Silva; é também nela a alegada residência oficial de Maria Corisca, farsante autora de coluna dominical do *Correio dos Açores*; é ainda nela e em parte da de São Vicente Ferrer que se realizam anualmente uns invulgares Festejos do Divino Espírito Santo. Invulgares pelo seu inequívoco carácter de simbiose de estratos socio-culturais díspares. Excepção feita à Igreja Evangélica. É a comunhão colectiva fora de portas.

Em 1993 tomou posse uma comissão composta por alguns irmãos e dentro reger-se-á por Estatutos.

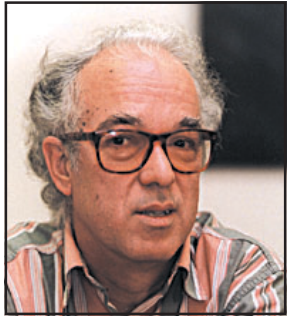
O Espírito Santo do Canto da Fonte, associando as ruas António Augusto da Motta, Eng.º Arantes de Oliveira e Padre António Rocha, na freguesia do Apóstolo São Pedro, Cidade de Ribeira Grande, oferece a mais de duas mil pessoas vindas dos quatro cantos da Ilha sopas do Espírito Santo à moda de Santa Maria. Rege-se por Estatutos e dispõe de sede alugada, que o talento de Luís Correia, representante da Comissão para 2003, aprimora nas suas horas de ócio mais os seus diligentes companheiros. Graças ao raro talento ‘empresarial’ de Manuel Amaral, um pequeno Império alastrou a milhares de pessoas.

O dinâmico Espírito Santo de Trás-os-Mosteiros, com Estatutos e excelente sede em construção, mantém a tradição de antanho e incorpora elementos novos num dinamismo que envolve toda a gente. São três modos de adaptar a tradição aos tempos modernos, num exemplar esforço colectivo. Estes exemplos poderiam ter como parceiros os mais de duas dezenas que se realizam na área da Cidade. De um modo pujante e renovado. A Assembleia Regional elegeu por patrono o Espírito Santo, todavia, as comemorações oficiais são reflexos pálidos das do açoriano comum. Escolheu-se a Cidade de Ribeira Grande como palco das comemorações de 2002. Houve uma elucidativa conferência a cargo do economista Dr. Eduardo Paz Ferreira, advertindo-nos para o futuro cinzento que se avizinha, uma prelecção do representante do Presidente do Governo Regional dos Açores, Roberto Amaral, avisando-nos para os perigos que as atitudes conformistas encerram e a denúncia corajosa do Presidente da Câmara anfitrião, Dr. António Pedro, contra o alegado açaimo com que se pretende controlar as autarquias. Cantou-se e bem o Hino dos Açores, ouviram-se aplausos a representantes do Povo Timorense. Mas tudo cinzentamente oficial. O açoriano não participou, estaria ocupado a deglutir sopas do Espírito Santo.



Crónica Mal-Humorada

Os frangos nus



Segundo as crónicas, os espectadores interessam-se mais em apreciar Anna Kournukowa do que a sua maneira de jogar. Sabendo disso, e conforme informa a bem informada “Visão”, a revista “Penthouse” apresentou uma fotografia que se supunha ser da moça, não a jogar ténis, mas expondo-se generosamente ao sol. Ora o problema é que ela garantiu que aqueles relevos não eram seus. Teimosos, como se conhecessem a sua anatomia melhor do que ela mesma, os editores insistiam em que não senhora, não havia dúvidas, o fotógrafo sabia bem quem caçara às escondidas. Afinal, a verdadeira dona de tais talentos

confessou a propriedade, e Anna exigiu da “Penthouse” uma compensação, por danos morais, de onze milhões e meio de euros. Basta dividir por cinco, e tem-se, em milhões de contos – que ainda é como a gente entende melhor estas coisas, embora continue sem fazer a mínima ideia de quanto é – o que a rapariga pensa que vale a sua falsa exposição não autorizada. Imagine-se quanto pediria se fosse ela a fotografada... (Honesto era aquele cantor que se anunciava como o falso Gilbert Bécaud em pessoa.)

Desde o tímido avanço para cima das saias da Mary Quant, o sobe e desce – e às vezes desaparece - nunca mais parou. A famosa estilista veio tirar ao vento o direito a uma das suas mais desejadas malandrices, e certas belezas femininas, antes reservadas a intimidades matrimoniais e pouco mais, tornaram-se como as malassadas: quando só as havia pelo Carnaval, eram uma delícia quase sublime; agora, que em qualquer dia do ano se pode comprá-las, não entusiasma por aí além.

Nesses bons velhos tempos em que um modesto fato de banho valia tanto, pelo menos, como hoje um nu integral, um teatro de Londres, que talvez tivesse em cena uma peça que não convencia ninguém, anunciou para o intervalo de uma das sessões um concurso de pernas. Assim “tout court”, como diriam os franceses e a gente também diz, quando quer imitá-los... Como no anúncio não havia referência ao sexo (agora não se diz “sexo”, a mania é dizer “género”, mas esta palavra é reservada à gramática, a outra é que indica a diferença pela qual os mesmos franceses gritam “viva!” na sua língua), um cabo do glorioso exército britânico arriscou-se a concorrer. No momento oportuno, desfilaram oito beldades no palco, de saia levantada, sendo aplaudidas conforme o entusiasmo que provocavam. Atrás delas surgiu o militar, de calças arregaçadas. Foi o delírio. E como o prémio seria para o par de pernas mais aplaudido, é fácil imaginar quem ganhou o concurso. Um magnífico exemplo de igualdade de oportunidades.

O pior é quando a mania do nu chega aonde não deve. Agora inventaram uma variedade de frangos, geneticamente modificados, que nascem, crescem e morrem sem penas. Para poupar o trabalho de os depenar, dizem. Coisa horrorosa, que até há pouco tempo apenas existia nos desenhos animados. Só de vê-los, fica-se sem fome. E há outras fomes ameaçadas de extinção, porque o que é de mais enjoo, e até o Channel nº.4 cheia a baleia morta se alguém se lembrar de lavar a cara com ele.

Daniel de Sá

Mário Moura

Contraste +

o fotógrafo



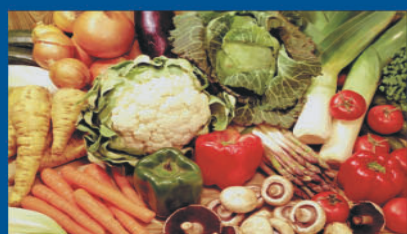
Primeiro o Boom da construção, de seguida a era do turismo...

Contraste -

o fotógrafo



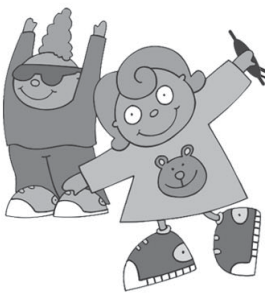
... e por falar em turismo, com a aproximação do Verão, a nossa piscina está quase cheia.



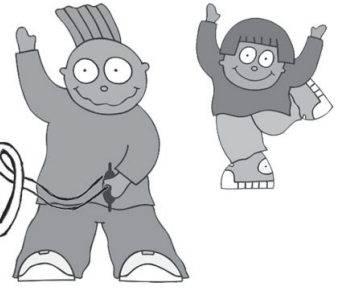
Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Férias



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

Editorial


Passatempo



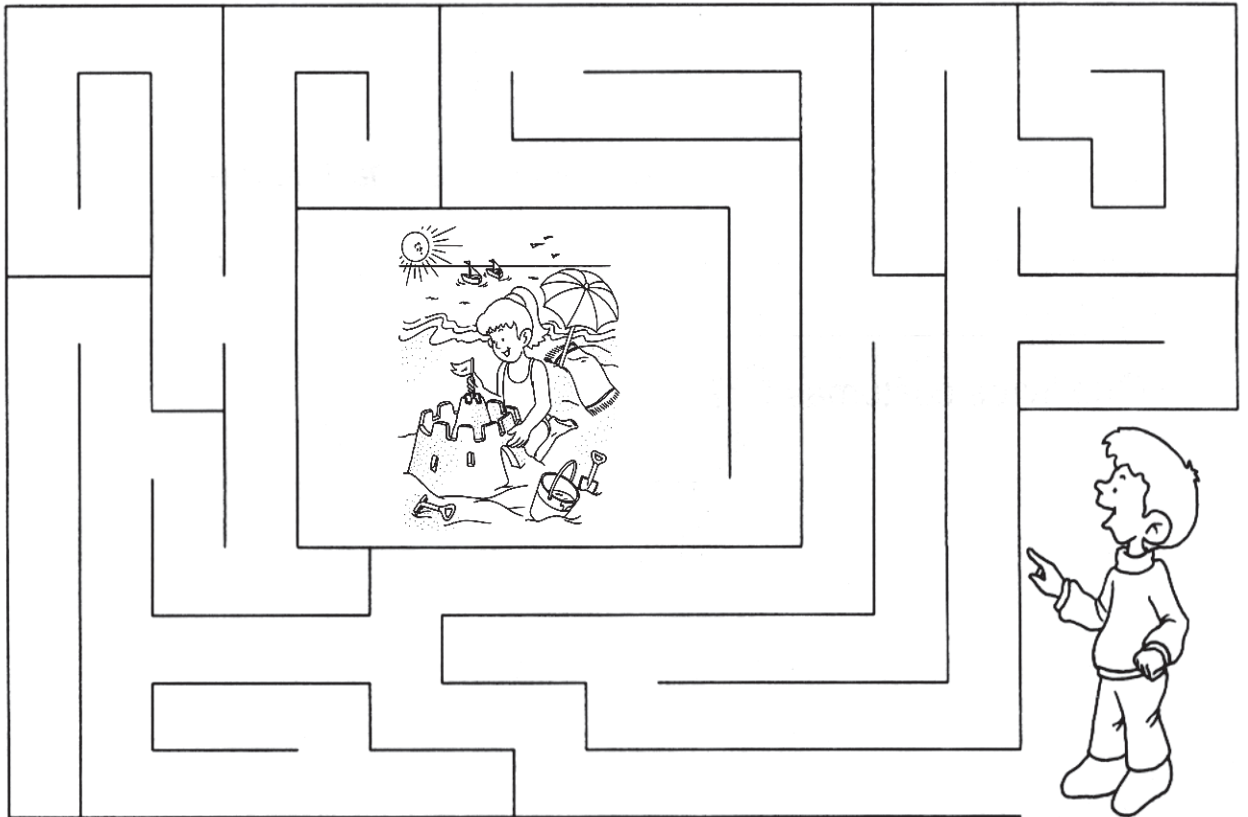
Pois é! Cá estamos outra vez e conosco trouxemos algo que, de certeza, gostas muito: as férias de Verão!!!

Depois de mais um ano escolar, sabe bem ter algum tempo para fazer o que mais gostamos: descansar, ir à praia, viajar e outras coisas.

Sabes, para ires à praia aposto que a tua mãe te faz algumas recomendações. Deverás usar uma t-shirt, não deverás exposto (a) ao sol durante muito tempo, nem durante as horas de maior calor (das 11 às 16 horas), usar boné, beber muita água,...

Olha, segue todos estes conselhos e, de certeza, terás um Verão fantástico. Que as tuas férias sejam inesquecíveis!  **Diverte-te!!!**

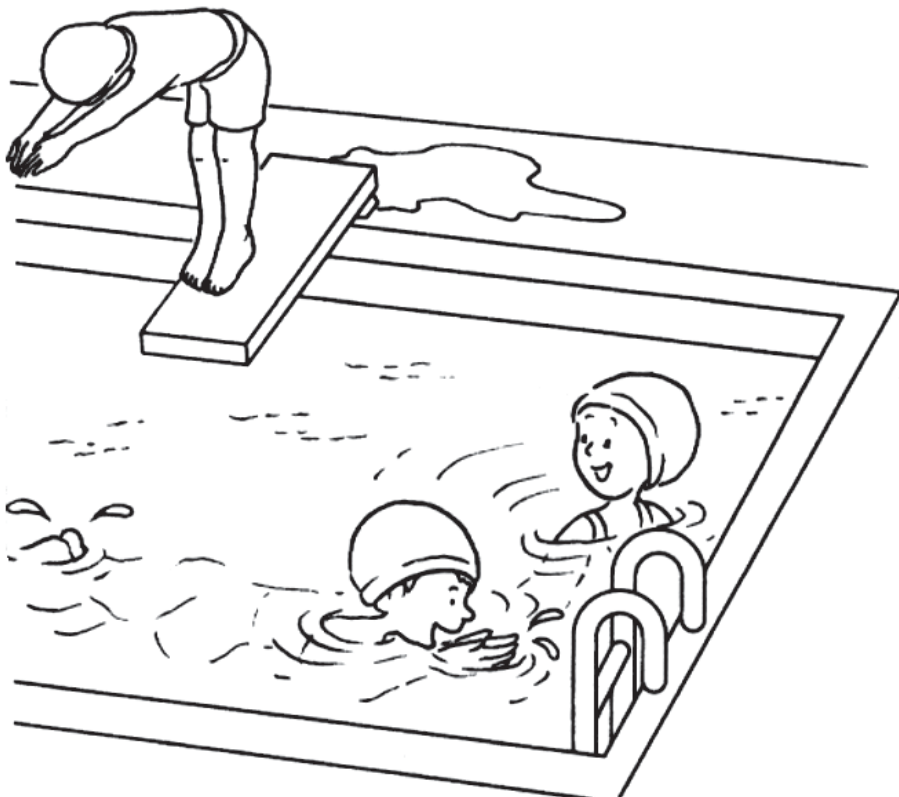
Traça "o caminho" que o Pedro segue para ir à praia:



Segurança em Férias

Cuidados a ter quando fores à praia:

- 1- Evita a exposição ao Sol nas horas de maior calor.
- 2- Usa sempre protector solar.
- 3- Mergulha só em sítios onde tens a certeza que não há rochas.
- 4- Tem cuidado quando subires a rochas com limos e molhados. Podes escorregar.
- 5- Coloca o lixo nos contentores ou num saco.
- 6- Bebe muita água, mas tem cuidado... Nem toda a água é boa para beberes!!!



Chegaram as férias!



Chegaram as férias,
As férias de Verão.
Vou brincar no campo,
Vou nadar na praia
Com o meu irmão.

Chegaram as férias,
As férias de Verão.
Vou ler histórias,
Vou dar passeios
Com o meu cão.

Chegaram as férias,
As férias de Verão.
Adeus, Escola,
Levo saudades
No meu coração.

Rodeado de Ilha

UM PASSO NA ILHA

Estamos na ilha das Flores, no século XVII. Caminhos agrestes marcavam o passo do viajante por entre as lonjuras da ilha. Era um tempo em que o espírito humano se surpreendia com a parte da beleza natural que se prendia à cerração da ilha. A floresta dominava, mesmo nos ermos das alturas dos Picos onde os ventos conseguiam anular a presença do mar, para reinarem num sopro de descentrada terribilidade vindo de todos os quadrantes. Ora se assemelhava ao mais suave dos falsos sons ora trazia nos seus sentidos uma tirania, que conduzia com raiva todos os espíritos - humanos, vegetais e animais. Mesmo aos próprios *lares*, pequenos deuses de benignidade que assistiam ao distante abandono da ilha, varria-os o vento para a escuridão e para o desconhecido. O parágrafo acima, que começou com um tempo verbal no presente, depressa se refugiou num passado. Não era desse modo que o queria, pois pretendia um tempo de planura verbal, um estado de presença em que a temporalidade corresse para um além da ilha, indo situar-se, pela acção dos ventos, numa remota vaga oceânica.

Então, como hoje, nenhum dos vivos resistia sem assombro de temor a esses ventos. Eles traziam consigo a grande velocidade da rasura nihilista. Eram a dúvida e a dor. Quem passou sob as suas sombras sabe do poder desses vendavais desatados que se agitavam sobre a ilha. Que eram - e serão ainda, suponho - prova de maturidade, a que ninguém era poupado.

Por essa altura, coincidindo com os anos da Restauração, chegaram os primeiros frades. Pois andar por volta de 1640 a fundação da igreja de S. Boaventura, anexa ao convento franciscano na vila de Santa Cruz. É um edifício notável. No pano barroco da frontaria quadrangular se inscrevem os sinos. Na ausência de torres, eles situam-se num extenso e alteado frontão, que se eleva acima da cimalha do primeiro piso. Deste modo, prolonga-se a altura de fachada, dando-lhe acrescida grandeza. A um e outro lado estão dois arcos geminados e de volta perfeita, como que abraçando duas janelas fixas. Aí colocadas com o fim de iluminarem os caixotões pintados do tecto. No meio, entre as duas janelas, uma escultura de S. Boaventura inserida num ovalado nicho. Nos arcos da direita encontravam-se os sinos (suponho que terão sido retirados para o restauro a que tem estado sujeito, nos últimos anos, o mosteiro); enquanto os arcos da esquerda deram lugar a duas janelas falsas,

cujos vão se encontra preenchido por cantada, de modo a permanecerem livres as pedras de volta perfeita, agora convertidas nas ombreiras e nos lintéis das duas janelas. Fica muito longe de estar descrito o pano fronteiro da igreja. Nem do seu interior, rico em talha e em pintura, me vou ocupar. Em seu louvor poderei apenas dizer que, se fora outra a sorte destas ilhas ocidentais, ela mereceria ter sido sede de bispado. Culpemos disso os cruéis ventos que guardam a ilha mais ocidental, como um velho enigma. Mas quero, ainda, acrescentar um pormenor que seria imperdoável não ser aqui referido e que fere o tão perfeito da fachada. É o instante arquitectónico em que o mestre do traço anula a simetria de todos os elementos e reduz o vão do arco que dá forma à janela cega situada mais à esquerda.

Tem o barroco espaços falsos, janelas e portas cegas, muitas vezes por pintura, quando se trata de espaços interiores. Outras vezes, como aqui sucede (nestes arcos cegos que pedem para ser abertos e para terem sinos, à semelhança dos que se encontram nos do extremo direito do edifício), pelo branco da cal. Vai nesse artifício criado na frontada o recurso à surpresa, à ilusão e ao efeito teatral tão amado pelo barroco. Numa fachada, que muitos considerariam pobre, aquele elemento quebra a simetria, a regularidade, a proporção e, mesmo, a perspectiva que lança sobre o largo em que está erguida a igreja. Esses dois arcos que continuam a ser de volta perfeita e, ainda, geminados, introduzem, em relação aos que se situam no lado oposto, a cegueira de duas recolhidas e ovaladas paredes brancas. Não guardam a voz dos sinos. Guardam, antes, a voz dos ventos. E aí, nesses dois espaços de lisura e de tão pura claridade, que o vento cresce e aí daquele que alberga o vento.

Regressemos aos frades, que são quem eu quero trazer para esta história e não essa prova de maturidade de uma época, substanciada na frontada de uma igreja construída no segundo quartel de seiscentos. Não era grande a comunidade. Uns seis ou sete frades. Todos com nomes que invocavam os dos frades primeiros da ordem:

Francisco, João, Masseur, Bernardo, Elias, que era o vigário, e frei Boaventura. Este, o mais novo, o único que era florentino e que escolhera, como nome, o do santo a quem a igreja do convento fora dedicada. Ocupava-se da pastorícia. Com as ovelhas e o cão internava-

-se na ilha. Levava o gado até às alturas da Tapada e percorria distâncias que iam do Morro Alto ao Morro dos Frades. Aí, os remoinhos do vento destruíam as árvores. Ficava uma vegetação rasteira de que as ovelhas gostavam. Também, aí, o vento crescia. Dizia frei Boaventura que o vento era uma passagem, uma estação na longa jornada da alma para deus. Mal sabia ele que exactamente isso já fora dito pelo seu patrono, a propósito da filosofia.

E o vento crescia ao redor da sua solidão. Aumentava e tecia anéis lívidos e estéreis. Se não fosse o cão e as ovelhas, Boaventura era um anacoreta, um desses monges do deserto ou de uma ilha deserta. O olhar perdia-o na distância do Atlântico. Talvez sonhasse com uma passagem às Américas - havia, de resto, na decoração da igreja, traços de uma influência hispano-mexicana. Talvez sonhasse com o mosteiro de S. Francisco, na Horta, de onde vieram dois dos outros frades. Talvez idealizasse uma viagem ao continente, de onde viera o fundador da ordem, na ilha. Frei Elias não se cansava de elogiar o seu convento, no Porto. Ou talvez quisesse muito visitar a Itália de S. Francisco, as cidades de Siena, de Assis, de Orvieto de que tanto falava frei Masseur.

Nada disso. Os olhos que se perdiam no mar, quando o nevoeiro ou as chuvas deixavam ver o mar, desvaneciam todo e qualquer limiar razoável. Iam muito além dos pomares cujos frutos alimentamos confiadamente, muito além dos espaços que estão fornecidos de apetrechos bem experimentados. Nessas ocasiões as leis tomam-se duvidosas; e a escolástica acabava por representar um aparelho perigoso para Boaventura. «Aí daquele que recolhe ventos» - dizia do púlpito o vigário da ordem - «aí daquele que não traz em si, e mesmo que seja somente no pulsar do seu coração, a substância primeira, a que garante sempre a fertilidade, um passo diante de outro passo.»

Indo um dia frei Francisco com Masseur, um pouco ao acaso, pelos trilhos da ilha, chegaram a uma encruzilhada que lhes oferecia três caminhos. Por onde se podia ir para as Lages; para os cimos da ilha - esses, onde se perdia de visões, Boaventura - e de onde se seguia para o chão das Fajãs; e, por um terceiro que levava de retorno a Santa Cruz, continuando para o extremo norte da ilha.

«Que caminho devemos seguir?» Perguntou Masseur. «Por aquele que deus quiser.»



Fotografia: José de Sousa Gomes

«E como podemos saber?»
«Faz o teu corpo girar sobre ti próprio. Rodopia sobre ti mesmo, até eu te dizer: pára. Não penses em nada. Ou melhor, pensa nas plantas, que foram semeadas com profusão sobre a terra, à semelhança das estrelas no céu, para convidar o homem atraído pelo prazer e pela curiosidade a estudar a natureza, para que de seguida passe à natureza original de deus.» Masseur girou sobre si mesmo, rodopiou, ora num sentido ora no outro, até que frei Francisco lhe disse: pára. E perguntou-lhe: «Para onde estás voltado?»
«Para a vila das Lages.»

«Aí tens o caminho que convém a deus que sigamos. Ele é como o capitão do navio que percorre grandes distâncias para chegar à nossa porta. Os seus desígnios nascem aos nossos pés e nas nossas mãos. Deus é o estudo de um inútil e preguiçoso solitário, porque ele se passeia ao nosso lado e passa livremente de um objecto a outro.» A Masseur parecia irreverente a palavra de frei Francisco, tal como achara muito infantil o processo a que o sujeitara para se decidir o caminho que deveriam seguir. Mas guardou silêncio. Ao chegarem próximo da aldeia chamada Caveira, alguns soldados da guarnição do forte do Castelinho lutavam. Havia mesmo um ou dois homens gravemente feridos. Francisco, sem qualquer temor, interveio. Apartou-os, mesmo correndo o risco de ser agredido. Conseguiu apaziguar os ânimos e ajudou os que estavam feridos. O comandante do forte convidou-o para o seu aposento. Também frei Masseur dormiu no forte nessa noite.

Na manhã seguinte, por iniciativa de Francisco, deixaram o forte. E Masseur disse para si: «Que coisas as deste pobre homem, que procede de modo esvaziado de sentido. Ontem, fez-me andar à roda para se acertar no caminho a seguir. Esta manhã, nem sequer agradece a hospitalidade ao comandante do forte.» Mas logo se arrependeu do seu juízo e chegou até ele o passo, sobre outro passo na ilha, que é o mesmo que preencher o vazio nascente com os dons da virtude: «Se não fosse frei Francisco» - ouviu dentro de si - «muitos daqueles que se batiam, acabariam

trespassados pela espada. Não preenchas com o vento da murmuração o prazo que se cumpre dentro de ti.»

Chegando-se a ele, como se tivesse lido o seu pensamento, Francisco, disse-lhe, sorrindo:

«O que vens dizendo é bom e útil. É testemunho necessário para que ponhas em evidência a vontade dos desígnios divinos. Sou o irmão mais velho, o que sempre se ocupou da horta, das flores e das árvores e também aquele que tem provido de plantas medicinais a nossa botica. Aprendi com os botânicos, que todo aquele que não dá a conhecer uma planta nova, não lança sobre o mundo nenhuma verdadeira luz. Presta atenção, frei Masseur, a história natural e o reino vegetal guardam a maior expressão de deus. Aqueles homens de ontem, na sua luta, estavam a esmagar com o peso dos seus passos de ódio o primeiro renque de abetos que vi na ilha. Algum pássaro de emigração trouxe no bico as suas sementes. Trouxeram de longe, do norte da Europa.»

Então, Masseur voltou a rodopiar sobre si. Girou, dançou sobre si mesmo. As suas vestes castanhas e a corda da cintura ampliavam o círculo das suas voltas, como quem rememora as suas ideias, sentimentos e impressões e, assim, amplia as cenas vividas para que se reflectam num jogo de alegria. Vamos deixar, por ora, Boaventura, nas terras altas da ilha. Apascenta o gado nos vastos domínios do vento, num território que vai, entre altanarias, do Pico do Touro ao Pico dos Sete Pés. É por aí que se situa o Morro dos Frades. Boaventura criou, por esses sítios, um pequeno oásis no deserto do vento. Mas, agora, cuidado, algumas ovelhas afastaram-se muito e já as suas cabeças se projectam, desde as alturas, no espelho de água da Caldeira Comprida. (Havemos de voltar, exactamente a este ponto, nem que seja para um vislumbre, para um único sopro da potência imensa do vento.)

João Miguel
Fernandes Jorge

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



“Os quês e os porquês”

Oiro sobre azul

ponte@aer.com



Quem anda embarcado nas ilhas, não precisa erguer os olhos ao céu para lhe sentir o peso. A bruma a desce até cá baixo e turva-nos o olhar. É um não saber bem onde o céu se fina e o mar começa. Talvez por isso, quando uns remedos de azul aparecem no manto cinzento que é o céu invernos das ilhas, é como se fosse um céu aberto. Como é que esse azul nos cai assim do céu, quase por milagre?

Há quem diga que foi mais um capricho do criador. Um dia, farto das trevas na Terra, o criador puxou da sua paleta, pintou uma enorme pérola doirada na tela, e fez-se um dia de sol radioso. Mas o céu continuava um negrume. Bastaram mais umas pinceladas de génio, e o céu vestiu-se de um azul leve, puro, do outro mundo.

Se o criador era pintor que teimava em ver sempre tudo azul, é questão para debater noutra altura. Mas é óbvio que sem luz do sol, o céu seria negro. A natureza dá-nos a prova disso todas as noites. Quando o sol se deita, não há azul que resista. O céu fica um tição, mesmo que a lua venha cheia. Agora essa do sol, com a sua luz, conseguir tingir o céu de azul, já parece de pintor surrealista. Apesar de só o podermos ver pelo rabo do olho, dado o seu intenso brilho, sabemos que a cor do sol é branca ou amarelada. Às vezes, ao amanhecer e

ao anoitecer, pinta-se de tons avermelhados. Mas nunca ninguém o viu azul.

Para desvendar o mistério do azul celeste, começemos primeiro por dissecar um raio de sol. O Newton doutras ilhas de bruma, nas suas experiências, usava prismas do melhor vidro da época, mas a nós bastam-nos as gotas de água das nuvens. Quem ainda não viu um arco-íris, em dias de chuva e sol? O arco-íris revela-nos um dos mais bem guardados segredos da luz solar. Um raio de sol, de luz aparentemente branca, é afinal uma mistura de vários raios, cada um deles correspondendo a uma das cores do arco-íris, desde o vermelho ao amarelo e ao azul da nossa história. Sabendo nós dessa mistura de cores, torna-se mais fácil perceber a causa da cor celeste.

O azul que nos chega aos olhos, não é luz directa, mas sim luz que seguia noutras direcções e se extraviou pelo caminho. A razão do extravio é a presença da atmosfera. Um feixe de luz, vindo do sol, viaja sem sobressalto na solidão do espaço, até encontrar a almofada de ar que envolve a Terra. Começa, então, aí um autêntico jogo de bilhar entre os raios de sol e as moléculas de ar. Os raios de cores diferentes são afectados de maneiras diferentes. Em particular, os raios azuis sofrem uma dispersão muito maior do que os raios de outras cores. Se quiserem, a cor azul é a mais fácil de extraviar. Espalha-se em todas as direcções, e vem encher-nos os olhos.

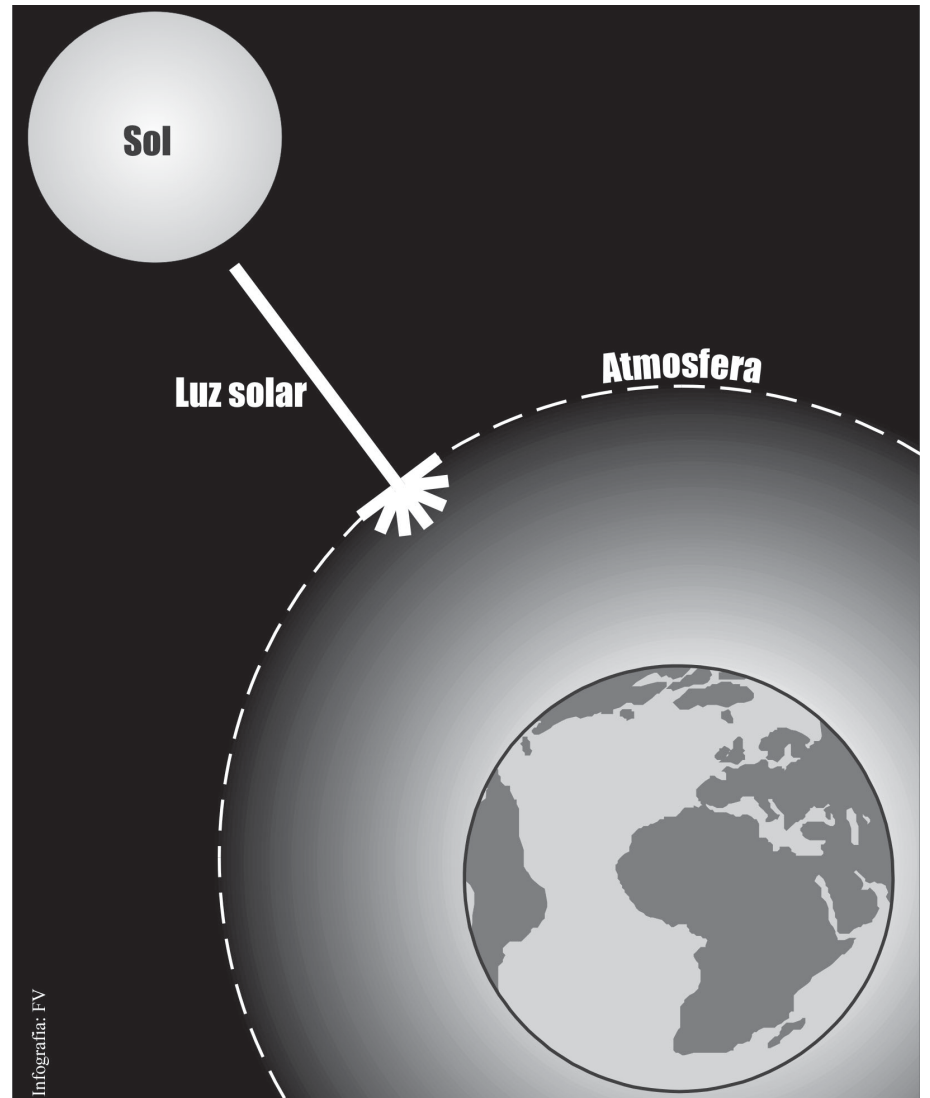
A atmosfera é assim como uma imensa

cortina azulada, pendurada sobre a Terra. Não basta um sol radioso para dar cor às profundezas do céu. Sem a eterna dança entre a luz do sol e o ar, o céu seria sempre

negro como a noite. Mesmo de dia!

Cambridge, Massachusetts

Rui Melo Ponte



A arte musical (III)

A Arte musical no Pico da Pedra

BANDA UNIÃO DOS PRAZERES MICHAELENSE

Esta filarmónica, como já aqui ficou dito, irá ser formada a partir de músicos dissidentes da Lira dos Prazeres.

Ao que tudo indica, as divergências acentuaram-se em Janeiro de 1921, quando José Dias Carreiro não quis aceitar o cargo de regente da Lira nem concordou, assim como outros músicos, que

Benjamim C. Avelino voltasse a ser o regente.

Os Estatutos desta filarmónica foram aprovados em 8 de Abril de 1921, e construíram sede própria na rua Dr. Dinis M. Mota, a qual foi inaugurada em 8 de Abril de 1923.

Eram os seus dirigentes e simpatizantes as pessoas mais conservadoras e abastadas da freguesia, enquanto na outra “banda”, militavam os operários, alguns

tendo ideais republicanos e laicos bastante notórios. Assim, a freguesia ficou dividida em dois blocos: os que eram pela música nova, a *caçoila*, e os da música velha, a *sucata*, como se passaram a apelidar.

Durante os anos que estas duas bandas estiveram activas muitos foram os conflitos, brigas, desavenças entre pessoas e até famílias. Enfim, é caso para dizer que esta *União* se tornou em *Desu-*

nião da freguesia dos Prazeres. Não nos foi possível averiguar a vida desta filarmónica em virtude de não existir nenhum livro de actas. Os únicos documentos existentes são duas certidões da Secretaria Notarial, uma sobre uma hipoteca da sede e a outra de verbas destinadas à aquisição de instrumentos.

Esta banda, bem como a sua congénere, arrostaram por diversas vezes crises, não só de aspecto monetário como também de falta de executantes. Consta que se reorganizou ainda em 1953. No entanto, no ano seguinte já se encontrava impedida de tocar devido à falta de elementos nas suas fileiras.

BANDA ALIANÇA DOS PRAZERES

Inactivas as bandas, em meados dos anos cinquenta, começaram as tentativas para reunir músicos e instrumentos a fim de se organizar uma nova filarmónica. Todavia, nessa altura, não houve consenso entre os velhos partidários das bandas extintas.

Foi em 1958, que um grupo de gente nova deitou mãos à obra. Deste grupo faziam parte, entre outros: José da Silva Calisto, Álvaro Labão, Cristóvão de

Aguiar e José de Almeida Alves, este último, o corpo e a alma da nova banda. Pois a ele se deve o ensino dos novos executantes, como também foi o primeiro regente da nova agremiação musical, a Banda Aliança dos Prazeres, fundada a 16 de Agosto de 1958.

Esta filarmónica, que actualmente só executa serviços nesta localidade, devido à falta de disponibilidade dos seus executantes, outrora foi muito activa, tendo feito serviços em quase todas as localidades desta ilha e deslocações às ilhas de Faial, Pico e Santa Maria. Participou num concurso de filarmónicas, nos anos sessenta, ficando num dos melhores lugares e gravou um LP, nos anos oitenta, quando era considerada uma das bandas com mais jovens nas suas fileiras.

A Associação Cultural Recreativa e Desportiva do Pico da Pedra criada em Janeiro de 1976, veio trazer novo vigor a esta filarmónica, tendo agrupado na sua sede, para além da filarmónica, um grupo de teatro, um boletim informativo e uma equipa de futebol.

Gilberto Bernardo



Óleos

20% Desconto

e ainda

oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA

Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400



**‘Na baliza o Buraca
Não valia uma pataca
Alegre quando jogava
Na baliza ele era forte
Que nunca temeu a morte
Dos pontapés que levava’**

(Manuel Sousa Miguel, nasceu em 3.12.1915)



O Estado Português identifica-o como António dos Santos, os ribeirãograndenses conhecem-no como o António ‘Buraca’ do Ideal. Para logo o associarem ao velho guarda redes que reinou sem rival na baliza do seu Ideal do começo do Ideal Novo à fundação do Futebol Clube da Ribeira Grande. É esse o nome pelo qual gosta de ser chamado, usando-o como o mais nobre título nobiliárquico. Apesar de a Certidão de Nascimento referir a Matriz como local de nascimento, dizia-lhe a mãe Dília da Conceição que nasceu na Conceição e que o terá trazido pequenino para o bairro do Curral, na Matriz. O pai chamava-se Manuel ‘Buraca’, ou Manuel dos Santos para o ‘Governo.’ O Bilhete de Identidade diz que nasceu na primeira oitava do Natal do ano de 1919, a Certidão de Nascimento que foi registado a 3 de Janeiro do ano seguinte. Apesar de não saber juntar uma letra, fugia à escola com o Edmundo ‘Garrida’ para ir para a Areia, onde ‘se consolava a jogar à bola e a tomar banho’, era o único tempo que podia roubar à mãe, de outro modo teria de ir à lenha. Apesar de ter sido lenhador, batedor de calçada e cabouqueiro, trabalhou na calçada da estrada da Lagoa do Fogo, o seu desempenho como homem e atleta granjeou-lhe um merecido estatuto de figura tutelar de gerações de Idealistas, ricos, pobres, letrados, analfabetos ou eruditos, que o consideram com ternura seu avô. É tímido, contido, de uma delicadeza rude, à sua maneira um verdadeiro cavalheiro, não guarda rancor ao ‘Marreta’, o adversário que lhe pôs temporariamente em coma. Nem mesmo quando se fala do Ideal e do Sporting, dois dos seus amores mais fiéis e duradouros, se expande. Um parco sorriso ou um ligeiro estugar do passo é o quanto basta para exprimir contentamento. Aprendeu a jogar pelos caminhos com bolas de ‘trapo e de qualquer qualidade. Qualquer coisa servia’. Começou por jogar a avançado mas cedo lhe puseram no seu sítio de eleição: a baliza. Aí era ágil e destemido. Foi levado aos ombros um ror de vezes, dizem os outros, porque é de auto-elogio envergonhado. É do tempo em que jogar num clube significava ser de corpo e alma para todo o sempre do clube. Daqueles que quando

partem deste mundo se sentiriam desamparados se não levassem a bandeira do clube a amortilhar-lhes o caixão. Daqueles que, em todas as ocasiões, nas boas e nas más horas, só com a sua presença, sou disto testemunha, confortam-nos na derrota e vitoriam-nos no sucesso. É o Idealista mais homenageado, embora não tenha sido oficialmente alvo de qualquer homenagem. Talvez a sua mais genuína e sincera homenagem tenha sido o susto, há pouco, sentido pelos Idealistas da diáspora, receando que o insidioso boato que circulava acerca do seu falecimento fosse verídico. Como prova da sua presença entre os vivos, obrigaram-no a ir tirar uma fotografia à esquadra da polícia. A custo, confessa que ficou ‘uma niquinha’ assustado quando viu o jipe da polícia à porta. Noémia, de pé, ao lado do marido sentado numa banqueta de ‘crica’, atenta às diabruras de dois bisnetos rebeldes, é quem diz que terá sofrido o seu maior desgosto em 1956 quando se formou o Ribeira Grande e ele, por ter ido para a Areia em vez de ir para a escola, não pôde ser o guarda redes. Motivo, aliás, dizem-nos, porque não terá chegado mais longe. O desgosto fê-lo até prometer deixar de ir ao campo. Promessa que foi lentamente quebrando porque o bichinho da bola e a sua maneira de ser tolerante foram mais fortes. Era o irmão varão, não havia fuga possível. Havia o Olivério, quase dez anos mais novo (nasceu: 7.05.1929), que morreu fulminado por uma congestão aos 33 anos (10.09.1962), enquanto partia pedra na ribeira, junto ao moinho da ponte dos oito arcos, a dois passos da casa onde nascera, jogaram juntos no Ideal, pai de outro ‘Buraca’, Carlos Santos, que defendeu por largos anos com igual galhardia e segurança a baliza do Ideal, e avô de outro, Artur Santos, junior do Sport Lisboa e Benfica. Tem ainda a irmã Beatriz, uma lúcida nonagenária que reside nos Estados Unidos. Enquanto duas bisnetas esperam para breve a vinda de mais dois filhos, Noémia Dias Branco, com quem casou na igreja de São Pedro, Ribeira Seca, a 17 de Novembro de 1947, e com quem partilha desde então a casa n.º 36 da rua António Augusto da Mota

Moniz, deu-lhe cinco filhos: Beatriz, como a tia, a residir no Canada, Dília, como a avó, na Ribeira Seca, Maria do Espírito Santo e António Humberto, na Matriz e Ricardo, na Ribeirinha. Os filhos já lhes deram dezassete netos e os netos onze bisnetos. O maior susto do seu tempo de futebolista ocorreu quando o ‘Marreta’, jogador do rival Águia, que habitualmente se mantinha pela defesa, na altura em que os defesas por lá ficavam, decidiu, não se sabe bem como, ir à frente, e como a querer fazer jus ao seu apelido, lhe desferir uma valente ‘marretada’ na cabeça, tão violenta que só se lembra de dar cor a si, apesar de lhe terem depois dito que, para o tentarem reanimar, o enfiaram no bebedouro das vacas, no clube, deitado ao comprido no chão, rodeado por muita gente, com o Hermenegildo a tentar aliviar-lhe da ‘sua’ camisa. Muito povo lá fora da rua e a mãe, disseram-lhe depois, em casa aos gritos de ‘o meu rico filho está morto!’ Todos os da terra, Idealistas ou não, recordam o episódio e todos contam o que fizeram e onde estavam na altura. Muitos recriminam o agressor, porém, António ‘Buraca’ diz que ‘faz parte da bola.’ A sua maior alegria sucedeu no dia em que golearam o Águia por cinco a zero e em que, como prémio, foram para as Caldeiras ‘comer um carneiro oferecido pelo Martiniano Faria.’ Segundo as más línguas do rival teria sido

roubado nas Furnas. E de uma outra vitória, em que também ganharam por números igualmente expressivos, e foram comer um vitelo oferecido pelo ‘Remualdo’. Passearam o carneiro pintado de verde e branco pelas ruas numa algazarra tremenda, até os testículos lhe pintaram, não deixando ninguém indiferente, parecia o Carnaval, indo mesmo fazer ‘negaças’ junto à porta do Manuel ‘Capelas’, cabeça do Águia, que também as sabia fazer, e que num esforço de contido desportivismo acenava à comitiva, se calhar a congeminar a próxima vingança. Foi como se o Ideal tivesse ganho a Liga dos Campeões. Foi um dos muitos troféus comestíveis celebrados por ambas equipas. Regista também, como se fosse ontem, o dia em que Mestre Manuel da Costa Morais lhe foi tirar as medidas para as suas primeiras botas, estava ele no quartel de São João, em Ponta Delgada, ou o dia em que o Manuel Correia e o Manuel ‘Milho Cozido’ lhe deram o equipamento de guarda-redes do Ideal antigo, que tinha sido do Bernabé, comprado ao Gildo Paiva. Esteve 9 meses para um ano no quartel de São João e o restante dos seus três anos de serviço militar nas Furnas. Era tratador de ‘garranos’. Ainda hoje, mantém-se activo, vê invejavelmente bem, só se queixa de uma ligeira surdez, todos os dias atravessa a ponte dos oito arcos para ir à casa dos filhos buscar a lavagem com que engorda dois porcos e quando está bom tempo debruça-se no mainel da ponte ou encosta-se ao canto da rua a ver passar ‘os carros’ ou a ‘arejar’ com os amigos. Verão ou Inverno, quer chova ou faça sol, não é homem de muitos agasalhos, além dos necessários, bastam-lhe um pequeno casaco e um boné. E o seu bigode impecavelmente aparado.



TALHO E SALSICHARIA

I D E A L

Chouriço da Ribeira Grande
Carne de porco e vaca
Diversidade de enchidos



Crónica da inauguração do 'Estádio do Rosário'

“Os senhores Tomaz Ferreira de Viveiros e José Peixoto d’Oliveira, dois novos cheios de vontade e a quem os desportistas Ribeiragrândenses, muito ficam a dever, numa visão clara do papel que no futuro está reservado ao desporto, tiveram a feliz iniciativa de tomarem de arrendamento, a longo prazo, um cerrado de 15 alqueires de terra, sita no Rosário desta vila, para nele construírem um «Estádio», cujo campo de foot-ball foi inaugurado no passado Domingo, 22 do corrente.

Nos tempos de feroz e desenfreado egoísmo que atravessamos, é consolador constatar iniciativas deste género, e ver que há homens que, arrostando com a indiferença e a ingratidão do meio e com a crise económica que se está fazendo sentir, se abalançam a uma empresa destas, que demanda da muita força de vontade e muito sacrifício.

O rectângulo para foot-ball, agora inaugurado, fica sendo o maior dos Açores, - pois é maior ainda que o do campo de Jogos do Liceu de Ponta Delgada, - pretendendo os proprietários do novo «Estádio», ao que nos consta, construir outros, para Volley - ball, bilro, etc. etc.

A festa de inauguração do «Estádio do Rosário» foi singela mas grandiosa, pela quantidade e qualidade das pessoas que lhe deram o seu concurso, tendo o tempo contribuído também para o seu maior brilhantismo, emprestando-lhe uma tarde primaveril.

Devido á pequenez do nosso jornal, não podemos fazer uma desenvolvida reportagem do que foi essa festa, limitando-nos a deixa-la arquivada nas colunas da «Razão», muito resumidamente.

Tendo-se reunido na Sociedade Instrução e Recreio, os convidados dos proprietários do «Estádio», organizou-se ali um cortejo, no qual tomaram parte, além daqueles convidados, a Liga Desportiva Ribeiragrândense, os «Onze», devidamente equipados, do «Ideal Sport Club» e «Águia Sport Club» com as suas madrinhas, respectivamente a menina Arménia Raposo Cabral Botelho, gentil filhinha do nosso amigo o Sr. António Jacinto Cabral Botelho e a menina Maria Margarida Machado, as duas bandas locais, «Triunfo» e «Voz do Progresso» que durante todo o percurso executaram bonitas marchas, e muito povo. Chegando o cortejo ao «Estádio», subiram ao ar muitos foguetes procedendo-se em seguida ao match de foot-ball entre aqueles dois clubs «Águia» e «Ideal».

Depois da tradicional troca de ramos, deu o pontapé inicial, a madrinha do «Estádio», menina Maria da Conceição Moniz Ferreira, filhinha do Sr. Tomaz Ferreira de Viveiros, que trajava um original vestido, com as cores dos clubs antagonistas.

Certamente por estranharem a grande extensão do campo e o seu piso, que não está ainda suficiente endurecido, ambos os teams não fizeram o jogo que costumam desenvolver, o qual decorreu sem interesse, faltas de técnica, terminando por um empate de Zero a Zero.

A arbitragem a cargo do Sr. Manuel de Souza Claudino, agradeu, apesar de ter algumas deficiências, próprias de quem arbitra pela primeira vez.

As duas referidas filarmónicas «Triunfo» e «Voz do Progresso», tocaram durante o desafio algumas peças do seu variado repertório.

Felicitando os desportistas Ribeiragrândenses pelo magnífico «Estádio» com que esta vila ficou dotada e que há tanto tempo ambicionavam, felicitamos também os Srs. Tomaz Ferreira de Viveiros e José Peixoto d’Oliveira, pela sua bela e arrojada iniciativa desejando-lhes as maiores felicidades.” (Jornal “A Razão” 31 de Outubro de 1933)

Nota: Segundo uns, o Estádio do Rosário ficaria nos actuais terrenos do Posto Agrícola, de acordo com Rolando Almeida, genro de Tomás Ferreira Viveiros, funcionário reformado do Posto Agrícola, onde trabalhou o guarda-redes do Águia e do Ideal do tempo do citado estádio, Manuel Barnabé, seria nos terrenos que delimitam a Nascente, subindo até ao Asilo Escola Agrícola, a rua Cónego Cristiano. Portanto nos terrenos ao lado do Posto Agrícola. Por duas razões. Primeiro porque foi a sogra que o vendeu ao Asilo, segundo porque Manuel Barnabé o confirmara.’



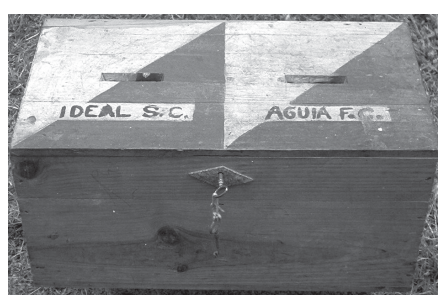
Equipas do Ideal Sport Club e Águia Sport Club defronte da Recreativa, no dia 22 de Outubro de 1933 (?), antes da inauguração do Estádio do Rosário. Reconhecem-se, de acordo com os testemunhos, os seguintes jogadores: Ideal: Manuel Gaspar, Rita, José Maroto, Carreiro, Hermano Grota e José Faia; Águia: Humberto Câmara.



José Peixoto Oliveira: co-proprietário do Estádio do Rosário



Tomás José Ferreira de Viveiros: co-proprietário do Estádio do Rosário



Caixa utilizada pelo Ideal e Águia para guardar o produto das entradas.



Um dos locais prováveis do antigo Estádio do Rosário. O outro situa-se a poente deste

Em busca do Ideal II: a memória escrita

Do renascimento à fusão: 'Ideal Novo'

Fracasso do Ideal Velho'

Sete dias após a participação no jogo inaugural do Estádio do Rosário, o *Ideal Sport Club* empata a três bolas com o *Estrela Sport Club*, um dos clubes filiados na Liga Desportiva Ribeira-grandense. A 12, desloca-se à Vila da Lagoa, onde frente a um clube local, a notícia não especifica qual, ganha por três a um.² A 5 de Novembro derrota por cinco a zero o estreante *União Ribeira Grandense*,

membro da referida Liga.³ A 26, vence por sete a zero o '*Ribeirinha S.C.*', outro membro da Liga. [Será o Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha?].⁴

No dia 1 de Janeiro, de 1934, empata a zero bolas com o *Estrela*, e no dia 6, perde por um a zero com o *Águia Sport Club*, igualmente membro da referida Liga.⁵

A 12 de Janeiro de 1934, alegando motivos de saúde, em declaração publicada no jornal *A Razão*, de 31, embora reconhecendo a boa camaradagem que sempre

encontrara no clube, Arsénio da Silva Bravo pede a sua demissão da Direcção do *Ideal Sport Club*.⁶ A partir desta data silenciam-se as fontes.

Fracasso da Liga Desportiva Ribeira-grandense

A 21 de Abril de 1933, Fábio Moniz de Vasconcelos, Presidente da então recém criada Liga Desportiva Ribeira-grandense, comunicava à congénere Associação de

Futebol de S. Miguel (fundada a 14 de Abril de 1923,⁷ tendo sido inscrita na Federação Portuguesa de Futebol a 4 de Novembro daquele ano) a existência daquele novo organismo desportivo. Segundo o subscritor do ofício, dedicar-se-ia 'à prática, organização, divulgação e fiscalização de todos os desportos, nomeadamente o foot-ball, que é o que, com mais intensidade, se pratica(va) nesta vila.'⁸ Apesar de não vir de modo explícito, uma das razões óbvias, seria a de evitar

aos grupos locais as despesas com as deslocação para fora da Ribeira Grande. Equipas ribeiragrândenses tinham estado na década de vinte e início da de trinta, desde os primórdios, filiadas na Liga Micaelense ou na Associação de Futebol de S. Miguel, ambas sediadas em Ponta Delgada, nomeadamente, o Pátria Futebol Club, o Águia, o Praia, o Artista e o Estrela. Algumas mudaram da Associação para a Liga Micaelense. Intervieram nas querelas havidas entre ambos organismos. Seria igualmente uma tentativa não só de pôr a resguardo o desporto local de questões alheias mas também de tentar adaptar medidas à altura de necessidades específicas do futebol da Ribeira Grande. A Razão, de 31 de Outubro, publicou o elenco directivo para a época que então se avizinhava. A saber: '(...) Srs. Hermano da Mota Faria, presidente, Viriato da Costa Madeira, António Augusto da Mota Moniz, António Jacinto Cabral Botelho, Manuel da Souza Oliveira, Agostinho da Costa Feio e Francisco Justino Machado' e adiantava que esta tinha tido 'a sua primeira reunião no dia 19 do corrente, deliberando ao que nos consta marcar as suas sessões semanais às quartas-feiras pelas 20 horas e convidar os clubs filiados a pedirem a inscrição dos seus jogadores para o que enviarão as respectivas listas nominais, só depois do que organizará o calendário dos jogos e promoverá um campeonato local.'

Foi sol de pouca dura, pois, no mesmo jornal, de trinta de Novembro de 1933, sem que a autoria aí venha referida, mas talvez da lavra do próprio Director do jornal e Presidente cessante da Liga, esclarecia-se que 'por divergências surgidas entre a Liga Desportiva Ribeira-grandense e alguns dos clubs seus filiados, motivadas por razões de *lana caprina*, foi dissolvida aquela agremiação, passando os seus poderes para os proprietários do Estádio do Rosário [...]'¹⁹

Fora desferido um rude golpe nas aspirações desportivas locais. No 'O Distrito de 2 de Dezembro daquele mesmo ano, adiantava-se, todavia, que o mal entendido entre os clubes e a Liga Desportiva Ribeira-grandense havia, para bem de todos, sido ultrapassado. Efectivamente, em Janeiro de 1934, Francisco Justino Machado, membro da Direcção, aproveitando a cerimónia da inauguração da sede do União Ribeira-Grandense, na qual foi orador convidado, exprimiu a absoluta necessidade de se reorganizar a referida Liga.¹⁰ Não obstante a sua louvável intenção, esta extinguiu-se-ia antes de Junho de 1934.¹¹ Sobrevivera, arrostando com as pressões dos clubes filiados, talvez de Abril de 1933 a Junho de 1934, ainda que a Liga surja representada no dia da inauguração do 'Estádio'. Restava a esperança de que a futura empresa proprietária do campo projectado para o Rosário pudesse dinamizar o futebol na Ribeira Grande.

Necessidade de um campo decente: o



29 de Junho de 1951, acto inaugural do Campo Municipal de Ribeira Grande

Estádio do Rosário

O Diário dos Açores, de 8 de Julho de 1933, fez constar que o *Águia Sport Club* estaria construindo um novo campo de futebol.¹² Se esteve, porém, não o concluiu ou não passou de mera intenção, pois, quem o levou a efeito, conforme o Correio dos Açores, de 8 de Outubro daquele ano, foram os senhores Tomás Ferreira de Viveiros e José Peixoto de Oliveira, no Rosário, destinado '[...] principalmente (a) Foot-ball, com as dimensões de 98 metros de comprimento por 70 de largo, ficando concluído durante este mês.'¹³ Como veio a suceder no dia 22 de Outubro, Domingo, pelas 15 horas, numa linda tarde primaveril, num prédio pertencente ao Sr. Tomás Ferreira de Viveiros.¹⁴ A Razão, por seu turno, refere que Tomás Viveiros e José Peixoto de Oliveira, haviam tomado de arrendamento a longo prazo 15 alqueires de terreno. Regozijando-se pelo facto de, não obstante o egoísmo desenfreado e da crise económica que se fazia sentir, arrostando com a indiferença e a ingratidão do meio, terem tomado aquela iniciativa. O 'Estádio do Rosário', então inaugurado, ficava sendo o maior dos Açores, maior ainda que o do campo de Jogos do Liceu de Ponta Delgada.

Pretenderiam os proprietários do novo «Estádio», ao que tinham feito constar ao autor da nota, construir outros, 'para Volley – ball, bilro, etc. etc.'¹⁵

Fracasso do Estádio do Rosário

Mas, tal como diz o povo na sua infinita matreirice, 'casa em que não há pão, todos ralham e ninguém tem razão.' Dois meses e alguns dias após a inauguração do 'Estádio do Rosário', a 9 de Janeiro de 1934, Agostinho da Costa Feio, representante do *União Ribeira-grandense*, Luís da Silva Melo, do *Estrela Sport Club* e Gildo Furtado Paiva, do *Ideal Sport Club*, o representante do *Águia Sport Club* não assina, propõem à empresa Tomaz & Peixoto a redução da percentagem a pagar pela sua utilização. Em seu entender, esta não deveria exceder 25%. Excepção feita às despesas com a marcação do campo, as restantes deveriam ficar a cargo dos clubes. Ou então, caso a empresa discordasse, continuaria a ser 1/3 para cada parte, cabendo a esta, neste caso, o ónus com as despesas necessárias. E lançam uma ameaça: caso não seja possível chegar a um entendimento, o desporto na Vila acabaria.¹⁶ Deste modo, por divergências e outras dificuldades, a 17 de Julho de 1934, só o

Águia Sport Club continuaria activo no Estádio do Rosário. Os demais grupos, segundo José Peixoto de Oliveira, co-proprietário do Estádio do Rosário, estariam em estado de desorganização, pois, '(...) sem uma Liga a orientá-los, acabou por reduzi-los a um só – o *Águia Sport Club*.'¹⁷

Em carta manuscrita assinada, mas não datada, pelos proprietários do Estádio do Rosário, dirigida ao Director do Correio dos Açores, intitulada 'Em resposta', não sabemos se chegou a ser publicada, por certo próxima deste período conturbado, em resposta a um 'Comunicado' da Direcção do *Ideal Sport Club*, que também desconhecemos, estes defendem-se de duras acusações. A de cobrarem percentagens 'judaicas', outra e a da 'ilegalidade em castigarem o Ideal ao dar a outro grupo o dia destinado a ele'. Alegaram em sua defesa, que retiravam 1/3 do produto líquido das entradas, exceptuando as despesas de marcação do campo, limpeza e do auferido por um porteiro, pelo que consideravam justa e realista a percentagem cobrada. Segundo eles, não se trataria de castigo, mas tão-só de realismo, já que o Ideal tentara fazer greve aos jogos. Assim, seria lícito substituí-lo por outro mais 'razoável.' Adiantam ainda o putativo mau carácter da Direcção do Ideal, acusando-a de principal culpada, em contraste com a simplicidade dos seus atletas, acrescentando que teria sido esta que, ao propor 'cortejos fúnebres' diante da sede da Liga Desportiva Ribeira-grandense, e ao propor 'uma greve revolucionária aos jogos', teria contribuído para o fracasso da Liga. Também eles previam o fim do futebol na Ribeira Grande.¹⁸ Não conhecemos resposta dos membros da Direcção do Ideal ou dos restantes grupos.

Seja como for, a 17 de Julho de 1934, disputa-se o derradeiro jogo no Estádio do Rosário. A partida teve como contendores o *Águia Sport Club* e o *Vingador Nacional Sport Club*, de Ponta Delgada, resultando em um empate a duas bolas.¹⁹ O sonho do Estádio do Rosário, face à incapacidade das partes envolvidas de se entenderem numa difícil conjuntura económica, resistira menos de sete meses. José Peixoto de Oliveira, já após a ocorrência, em conversa mantida com o Director do jornal O Distrito, esclareceu que não teria sido pela falta de energia da empresa, mas pela falta de público que a crise económica que então se atravessava explicava. E repetindo o que antes escrevera, além do desinteresse motivado pela desorganização dos clubes, que, sem a Liga a orientá-los, acabou por ficar reduzido ao *Águia*. Ainda assim, a empresa tentara viabilizar o projecto recorrendo a grupos de Ponta Delgada. E continuava a explicação: 'Todavia, o regulamento da Associação de Foot-Ball de Ponta Delgada, não permitia a deslocação dum só team a jogar com o *Águia*, mas sim de dois grupos seus filiados, o que ocasionava grandes despesas de transporte,

- > Roupas de criança
- > Lingerie
- > Roupas de senhora
- > Sapataria
- > Peles

NANA

Rua Sousa e Silva n.º 58
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
Tel.: 296 474 563

MODE

percentagem para a referida associação, etc. De tudo isto, resultou um avultado prejuízo e assim tomou a empresa a resolução de cultivar o 'campo', e passar a explorar o cinema ao ar livre no Cine-Avenida que, como já dissemos, noutra reportagem, inaugura brevemente a sua época de Verão.²⁰

Finda a Liga, com o estádio transformado em 'batatal' ou 'milheiral', sem qualquer recinto desportivo digno do nome, impedidos de utilizar o miserável campo das reses, o futebol na Ribeira Grande havia perdido uma oportunidade única de aproximar-se do de Ponta Delgada. Teria de percorrer um penoso calvário até aos sucessos de finais da década de sessenta. Desperdiçara-se um campo que, de acordo com A Razão, seria dos melhores se não o melhor do arquipélago.

Renascimento: Ideal Novo

Após o derradeiro jogo a 17 de Julho de 1934, só a 9 de Março de 1941 recomeçam na comunicação social as referências à prática do futebol na Ribeira Grande. O que não quer dizer que não se praticasse futebol. Em 41, chegara à ilha os primeiros contingentes do corpo expedicionário do exército português. Aos seus efectivos, sem dúvida, se deve o novo fôlego dado ao futebol da ilha. Ao contrário do que sucedera no Campeonato de Futebol de Vilas e Aldeias, organizado pelo Sr. Manuel Albano Botelho de Medeiros, em que o Águia participara, chegando à final onde foi derrotado pelo 'São Pedro', da Vila da Lagoa, nos de 1938 e de 1940, em que participaram grupos dos mais recônditos cantos da ilha, da responsabilidade do mesmo organizador, não participou nenhuma equipa da Ribeira Grande.²¹ Aliás, neste terceiro campeonato, de 1940, participou o Águia Sport Club, mas dos Arrifes.²² Foi um período de crise e de estagnação. Segundo João Luís Medeiros (Testemunho, 4.10.1996), terá existido um grupo conhecido em Ponta Delgada como o 'Grupo dos Padeiros', no qual teria jogado, entre outros Humberto Câmara (Capelas), tendo este disputado jogos em Ponta Delgada. Isto em data



Equipa do Ideal que inaugurou o Campo Municipal

posterior a 1934 e anterior a 1941.²³ De acordo com o mesmo testemunho e os de António dos Santos e Aureliano Morgado, entre outros, jogava-se em 'serrados'. Só mais tarde, a memória não o retém com precisão, teriam ido pedir autorização ao Sr. Faustino de Lima, Vereador da Câmara Municipal de Ribeira Grande, de utilização do Campo das reses. Datará deste período o embrião do Ideal Novo. De acordo com Manuel Correia da Silva (nasceu em 15.11.1921), Aureliano Morgado e António dos Santos, terá tido, entre os que se recordam, a mão do primeiro e de Manuel Milho Cozido (aliás, Manuel Moniz Soares de Melo), ao tempo rapazes em idade de cumprir o serviço militar. Posteriormente, tanto quanto a memória alcança, numa fase decisiva de arranque, entraram Manuel da Costa Morais, Guilherme do Rego e Manuel de Sousa Pereira, do núcleo duro do Ideal Velho, à excepção do segundo. Até mesmo Arsénio da Silva Bravo, ao tempo enfermeiro em Ponta Delgada, reaproximou-se do clube.

Seja como for, a primeira referência à prática do futebol conhecida vinda nos jornais, após a referida pausa, surge a 9 de Março de 1941, como vimos. José Pereira da Silva, correspondente local do Diário dos Açores, seu autor, analisa as causas do malogro passado e aponta com

ponderação o rumo a trilhar para um desenvolvimento desportivo seguro: '(...) voltou a jogar-se futebol, nesta vila. O entusiasmo por tão interessante desporto foi enorme e a concorrência extraordinária, não admirando que tal acontecesse depois da longa interrupção, por alguns anos do futebol. Conhecem-se as causas que deram cabo do futebol entre nós. Primeiramente deparamos com uma pernicioso abundância de Clubes, que só servia para dispersar bons elementos e, em segundo lugar, verifica-se a falta de atenção, por parte dos mesmos grupos, aos seus elementos técnicos e directivos. Agora que o futebol ressurgiu, convém dar-lhe nova e verdadeira orientação e não pensar-se em possuir mais do que os grupos necessários, conscienciosamente preparados. Ainda temos bons elementos dispersos. Porque não reuni-los já, e formar mais um grupo? Não nos parece des acertada a ideia, tanto mais que traria maior entusiasmo ao público e dar-nos-ia a certeza de termos todos os domingos futebol, coisa que não acontecerá se tivermos um só grupo como agora.'²⁴ Nesta data o *Ideal Sport Club* derrotou por 5 a 2 o *Recreio Capelense*.²⁵ José Pereira da Silva, que alvittrara a formação de uma segunda equipa na Ribeira Grande, noticia a 6 de Abril, o

reaparecimento do *Águia Sport Club*: '(o) desafio de domingo passado [6 de Abril de 1941], embora prejudicado pelo mau tempo, interessou muito. Encontraram-se o *Clube Desportivo Santa Clara* e o *Águia Sport Club*, desta vila. O resultado, que foi favorável ao Santa Clara, foi muito honroso para o nosso grupo, que jogava pela primeira vez com um grupo experimentado, conseguindo ainda assim o resultado de 2-3 pontos.'²⁶

Intriga-nos o facto de ter ressurgido o Ideal, um grupo, que como vimos foi efémero, e não o *Artista Sport Club* ou o *Estrela Sport Club*, ambos da Matriz, e mais anteriores ao Ideal. Só podemos especular. O Artista usava uma camisola branca e azul e calções pretos, por seu turno, o Estrela, camisola branca e preta e calção preto. Veremos isso em detalhe em próximo artigo. O Ideal, como vimos em artigo anterior, por acaso 'encontrara' camisolas verde e brancas. O Sporting Club de Portugal, verde e branco, havia vencido o seu primeiro Campeonato de Portugal na época de 1937-1938. Será pelo facto de, alguns dos fundadores do Ideal Velho e refundadores do Novo, entre outros, Manuel da Costa Morais, Manuel de Sousa Pereira, ou Guilherme do Rego, irmão de Manuel Rego, serem sportinguistas? Será ainda pelo facto de o Ideal ser considerado símbolo da Matriz, enquanto que o Águia o era para a Conceição? E sendo este último vermelho, da cor do Benfica e do Santa Clara, o Ideal, sendo rival, teria de ser verde, cor do Sporting e do União Desportiva? Alguns dos inquiridos dizem-nos que sim. Ou será devido aos sucessos do União Sportiva? Fora Campeão Açoriano em 1928, também verde branco, com quem o Ideal participou a 27 de Setembro de 1941 numa Festa Desportiva de homenagem ao Presidente da Câmara de então, Dr. Lucindo Rebelo Machado? Precisamente a segunda alusão conhecida ao Ideal após o reinício. O Águia reiniciou-a defrontando o Santa Clara. Terão estes factos pesado no ressurgimento do Ideal e não do Artista ou do Estrela? Creio que haverá um pouco do que sugerimos. Segue-se para o Ideal, além do referido

Quinta de S. Pedro

Venda de plantas ornamentais
Visite-nos às Sextas e Sábados



Rua Nova, 3 Rib. Seca - Rib. Grande
Peter Healion - Telm. 917018729 - Tel 296477251

NT
New Fashion

Abriu recentemente na cidade da Ribeira Grande
Rua N.ª Sr.ª da Conceição, 101

New Fashion

Novidades! Tecidos, rendas, cortinados, lingerie, retrosaria, lãs, bijuteria

7 de Julho, Dia do Comércio

EXPOSIÇÃO A ESTRELA ORIENTAL

Sociedade Filarmónica Voz do Progresso
Rua N.ª Sr.ª da Conceição

encontro com o União Sportiva, outros jogos disputados com adversários formados por elementos do Corpo Expedicionário: Sapadores Mineiros e Galgos. Este período, apesar da rivalidade doentia entre Águia e Ideal, é caracterizado por um desejo de renovação do futebol local. Além de novos atletas, pensa-se intensamente na construção de um campo de futebol alternativo ao condenado campo das 'reses'.

De novo o desejo de um campo decente:



Caldeiras, inícios da década de 40: a boda do carneiro. Da esquerda para a direita: Hermano Tachinha, Abel Soares, Manuel Moço, José Maroto, (?), Manuel Sousa, (?), (?), Carlos Cristiano, (?), (?), Zélia Araújo, José Joaquim Pereira e Mariano Correia. Fotografia de Mariano Correia.

Campo de Jogos Municipal

Ter-se-á concluído pela experiência amarga do Estádio do Rosário, até por norma imposta pela Associação de Futebol de Ponta Delgada, que, para elevar o desporto da Ribeira Grande ao nível do de Ponta Delgada, ou simplesmente ter algum futebol que valesse o nome, ser a construção de um novo campo ou a remodelação do das reses assunto incontornável. Existiam equipas com elencos directivos empenhados e atletas de valia de sobra, mercê, sobretudo, de estarem aquartelados na ilha diversos corpos das Forças Armadas Portuguesas, mas não havia um recinto desportivo adequado. Já não privado, pois ficara provado à saciedade que as receitas não dariam para as despesas, mas por iniciativa do poder público autárquico. Logo em 1941, surgem na imprensa os primeiros ecos desta pretensão. O alerta vem publicado no jornal *A Ilha de Março*: 'Pedem-nos algumas pessoas da R. Grande para que chamemos a atenção a quem compete para o lastimável estado do Campo de Futebol que assim numerosas condições favoráveis oferece aos desportistas e muito menos aos espectadores.'²⁷ Logo depois, em Dezembro de 1941, em artigo assinado pelas enigmáticas iniciais M.A., defende-se a construção de um novo: 'É de lamentar que, tenhamos de assistir, aos desafios, num mercado de gado, de dimensões exíguas, cheio de pedras e covas, constituindo assim um grave perigo para a saúde daqueles que se dedicam à única modalidade de desporto nesta terra. [...] Porque não poderá a Ribeira Grande, vila das mais populosas do País, possuir um campo de jogos apropriado?'²⁸ Afinal, o *Diário dos Açores* de 15 de Janeiro, revela a identidade do proponente, o Prof. Manuel António Cansado, de fresco chegado à ilha: 'A ideia lançada neste jornal por um nosso distinto colaborador, o Sr. Manuel António Cansado, para que aqui se faça um campo em condições,

encontrou o melhor acolhimento, e julgámos possível, pela marcha que as coisas tomam, que dentro em breve isso seja uma realidade.'²⁹ Apesar do burburinho desencadeado pela campanha pública levada a cabo nas páginas de diversos jornais de Ponta Delgada, motivo de conversa nos raros cafés locais, nas tendas e tascas locais, em 1934 *A Razão* havia suspenso a publicação, apesar de a autarquia ter deliberado em Fevereiro de 1947 a construção de um novo recinto desportivo, só na

sessão de 24 de Agosto de 1949, no seu Plano de Actividades, delibera dar seguimento ao acordado em Fevereiro de 1947. E nela se explicava: '(...) por só, agora, haver possibilidade de terreno adequado entre a Fábrica e a Ribeira Seca.'³⁰ De facto, a 23 de Novembro de 1949, o Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, informava a Câmara de que havia celebrado contrato de arrendamento com os senhores Dona Maria Josefa Gabriela Borges de Sousa Jácome Correia Hintze Ribeiro e seu marido, Dr. Ernesto Hintze Ribeiro, e outros, no prazo de três anos, renovando-se por períodos anuais.³¹ A 11 de Dezembro de 1949, iniciam-se as obras do Campo de Jogos.³² A Ilha, de 17 de Dezembro, dá a mesma notícia acrescentando pormenores: 'fica num terreno de 29 alqueires, medirá 105x70 metros e terá bancadas e camarotes, por baixo dos quais ficarão balneários, vestiários, arrecadações e instalações sanitárias. O Campo ficará situado à entrada da Vila junto à antiga Fábrica do Álcool e o seu projecto pertence ao Sr. Arquitecto Francisco Quintanilha.'³³ A 29 de Junho de 1951, numa sexta-feira, dia de Cavalhadas, inaugura-se, com toda a pompa e a circunstância que o acto exigia, o novo e actual Campo de jogos Municipal de Ribeira Grande.³⁴ Ainda que parte do projecto só muito mais tarde tenha sido executado. O campo acabou por medir '110x64' e deveria 'depois de lhe serem feitas as bancadas e camarotes ser um bom campo.'³⁵ O *Diário dos Açores* elege-o, apesar de tudo, como 'o melhor (recinto desportivo) da ilha de S. Miguel.'³⁶ O articulista do *Correio dos Açores*, em tom de desabafo, comentava: 'longas décadas de espera, tiveram os rapazes que se dedicam ao futebol, para conseguirem fugir ao perigoso terreno do campo de venda de gado (...) onde com a maior facilidade podiam ver um dos seus elementos atacado do terrível mal do tétano.'³⁷ Fora madrinha do novo recinto Isabel Maria Rego Lima

da Mota Faria, filha do Presidente da edilidade, Sr. Hermano da Mota Faria.³⁸ Tarde é o que nunca chega; esperara-se cinquenta e dois anos para ter um campo adequado à prática desportiva e haveria de esperar-se mais três décadas para o ter iluminado, relvado, com bancadas e balneários. Mas sem pista de atletismo e com muitas alterações ao projecto inicial. O jogo inaugural, tal como havia sido o caso para o Estádio do Rosário, disputou-se entre o Ideal Futebol Clube e o Águia Futebol Clube e saldou-se igualmente num

empate, mas a uma bola. Desta vez o repórter deu-nos a constituição das duas equipas. Ideal: Buraca (António Santos), Alfredo (capitão), Fernandes, Barata, Olivério e Genuíno, Carreiro II, Eduino, Carreiro I e Pereira. Foi madrinha da equipa, Belarmina Dinis Nunes Coelho. Águia: Edmundo, Óscar, Mário, Morais II, Morais I (capitão), Faial, Albano, Puga, Correia, Fernando e Barata. Foi madrinha Maria do Carmo Medeiros Franco. Seguiu-se jogo entre o Marítimo e o Santa Clara, tendo o primeiro vencido o último por cinco a três. A bola estava no lado dos clubes, bem ou mal, a autarquia acabara de cumprir a parte que lhe competia. Era imperioso entrar na Associação de Futebol de Ponta Delgada, mas era necessária a sua oficialização.

Oficialização do Ideal e do Águia: gémeos rivais

Em 1948, escrevia-se no *Correio dos Açores*, que o Águia e o Ideal estavam 'em vésperas de serem oficializados' na Associação de Futebol de Ponta Delgada [passou a denominação de S. Miguel para de Ponta Delgada].³⁹ Em Outubro daquele ano, informava-se no Açores que estes ultimavam o seu processo de candidatura.⁴⁰ Todavia, em Agosto de 1949, tal não se verificara: 'Foi, há muito, propalada a notícia de que os dois - clubs- locais tinham os seus Estatutos aprovados e que seriam brevemente inscritos na Associação de Futebol de Ponta Delgada. Tal facto, porém, não se deu, até hoje, e estamos sempre na mesma: cada um dos grupos só tem em vista derrubar o outro, sem qualquer ideal que não seja a vingança e contra-vingança. Estas circunstâncias são bem contrárias ao espírito e finalidade do desporto e à superior orientação que, por o país, lhe estão dando!'⁴¹ Oficialmente, só a partir de Junho de 1951, o Ideal decide pedir a sua adesão (o Águia também) à Associação de Futebol de Ponta Delgada, como se depreende de acta

assinada pelo seu Presidente, Artur de Medeiros Brilhante. Assinam igualmente Manuel Nunes Coelho, presidente da Assembleia Geral, António Augusto da Mota Moniz e Manuel António Cansado Chorão. A Direcção era constituída por Artur de Medeiros Brilhante, Humberto Miranda, Carlos Cristiano Pacheco, Manuel dos Santos Gouveia e Aurélio Aires da Ponte Furtado. O Conselho Fiscal era formado por Domingos Amaral, Manuel de Sousa Silveira e Álvaro Cordeiro. Vem datado de 19 de Outubro

de 1951. Conhecem-se, de facto, quer para o Ideal quer para o Águia, estatutos de 1951. Ideal e Águia, de acordo com a acta n.º 11, fl.33, lv.12, da Associação de Futebol de Ponta Delgada, de 11 de Dezembro de 1951, são a partir daquela data admitidos. A acta reza assim: '(...) foi aprovada por esta Direcção a filiação dos Clubes da Ribeira Grande, Águia Futebol Club e Ideal Futebol Club.' Porém, em Outubro de 1952, de acordo com a Acta n.º 2 da mesma Associação de Futebol, os dois clubes ribeiragrandenses, apesar de filiados não podem ser considerados inscritos.

A Fusão dos gémeos rivais: em busca de melhores perspectivas

Estariam, com a inauguração do Campo de Jogos Municipal e com duas equipas minimamente estáveis, em princípio, reunidas as condições para que finalmente o futebol pudesse medrar na Ribeira Grande ao nível de Ponta Delgada e da Lagoa, contudo, tal não viria a suceder nos tempos mais próximos. Faltavam recursos aos clubes e os contingentes continentais haviam há muito regressado a casa. Além de que, muitos jovens à procura de melhores condições de vida rumaram a Santa Maria, à Terceira, ao Canadá e aos Estados Unidos, os novos 'El Dorados'. A realidade era dura. Apesar do novo campo e apesar de melhoramentos nos dois clubes rivais, face à realidade de Ponta Delgada e mesmo à da Lagoa, nesta última Vila o Grupo Recreativo e Desportivo os Leões fora admitido como membro da Associação de Futebol de Ponta Delgada em 25 de Novembro de 1947 e o Club Operário Desportivo em 9 de Março de 1948, além do mais, o Campo da Mocidade Portuguesa, na Lagoa, havia recebido beneficiações em 1948, o Campo Marquês Jácome Correia fora inaugurado em 23 de Janeiro de 1946, o futebol na Ribeira Grande não 'atava nem desatava'. Por

consequente, com o manifesto desejo de tornar mais competitivo o futebol local, um grupo de ribeiragrândenses, entre os quais a autarquia local e o Padre Edmundo Pacheco, que viria a ser o futuro Presidente do novo clube, propõem a reunião do Águia e do Ideal. Para este fim, a

quarenta, chegando mesmo o último a ser campeão, as da Ribeira Grande marcam passo. Águia e Ideal, apesar dos esforços, tardam em entrar na Associação e quando o conseguem descobrem as suas 'poucas forças', decidindo por isso juntar-se. Na de quarenta, enquanto o corpo expedicio-

AFPSM. A 8 de Maio de 1929 inscreve-se o Águia Sport Club. Também naquele mês e ano consta o Artista Sport Club. Pouco depois diz-se que os clubes da Ribeira Grande, por não terem apresentado a documentação exigida, não estão inscritos. A acta de 24 de Dezembro de 1929 da AFPSM refere a expulsão dos clubes União

¹³ Correio dos Açores, 8 de Outubro de 1933, fl. 4.

¹⁴ Correio dos Açores, 28 de Outubro de 1933, fl.4.

¹⁵ A Razão, Ribeira Grande, 31 de Outubro de 1933, fl.3.

¹⁶ AFGP, Ofício dirigido à Empresa Tomaz & Peixoto, 9 de Janeiro de 1934

¹⁷ O Distrito, 7 de Julho de 1934.

¹⁸ Arquivo Museu da Ribeira Grande, Fundo Peixoto de Oliveira.

¹⁹ O Distrito, 23 de Junho de 1934.

²⁰ O Distrito, 7 de Julho de 1934.

²¹ Diário dos Açores, 30 de Abril de 1938, fl.2; 31 de Agosto de 1940, fl.3.

²² A Ilha, 30 de Novembro de 1940, fl.11.

²³ (João Luís Medeiros) Nasci em 1919. Em 1928/29 fui para o Liceu estudar. No meu 4.º 5º Ano fui jogar para o União Micaelense, que era, grosso modo, constituído por estudantes, e já estava lá a jogar quando assisti por diversas vezes em Ponta Delgada a vários jogos de uma equipa da Ribeira Grande, a que chamavam 'Grupo dos Padeiros'. Neste jogava gente da Conceição e da Matriz, da rua do Saco. Lembro-me que o Santos e o Humberto Capelas jogavam aí. Comecei a jogar com 17/18 anos, portanto, deveria de ter sido por volta de 36.'

²⁴ Diário dos Açores, 15 de Março de 1941.

²⁵ Diário dos Açores, 15 de Março de 1941.

²⁶ Diário dos Açores, 12 de Abril de 1941.

²⁷ A Ilha, 29 de Março de 1941, fl.10.

²⁸ Diário dos Açores, 24 de Dezembro de 1941.

²⁹ Diário dos Açores, 15 de Janeiro de 1942, fl.2.

³⁰ AMRG, Livro de Actas, liv.78 – 9.06.1948 – 28.02-1951, fl.98v..

³¹ AMRG, Actas, Iv.78.

³² Correio dos Açores, 13 de Dezembro de 1949, fl.3.

³³ A Ilha, 17 de Dezembro de 1949, fl.4.

³⁴ Diário dos Açores, 30 de Junho de 1951, fl.1.

³⁵ Correio dos Açores, 8 de Julho de 1951.

³⁶ Diário dos Açores, 30 de Junho de 1951, fl.1.

³⁷ Correio dos Açores, 8 de Julho de 1951.

³⁸ Idem.

³⁹ Correio dos Açores, 18 de Fevereiro de 1948, fl.3.

⁴⁰ Açores, 26 de Outubro de 1948, fl.1.

⁴¹ Diário dos Açores, 6 de Agosto de 1949, fl.2.

⁴² Correio dos Açores, 8 de Outubro de 1932, fl.2.

⁴³ Correio dos Açores, 15 de Março de 1933.



Caldeiras, boda do carneiro. Martiniano Botelho Faria, o "doente" do Ideal que ofereceu o carneiro, ladeado pelos troféus conquistados pelo clube até inícios da década de 40.

Assembleia Extraordinária do Ideal, de 30 de Abril de 1956, discute e delibera "(...) a fusão desta agremiação desportiva à do Águia Futebol Clube (...). A maioria dos sócios presentes em número de vinte, concordaram na referida fusão, a qual deverá actuar no início da próxima época.' Assinaram: Manuel Nunes Coelho (presidente da Assembleia) Jaime Melo, Jaime Oliveira Rocha, José Francisco de Melo, Artur Medeiros Brilhante, Francisco Leite Ribeiro, Luís Augusto da Ponte Furtado, entre outros. Nem assim, como veremos em próximo trabalho, seria suficiente.

Fio condutor

Porventura o fio condutor que perpassa por todo o esforço de organização do futebol da Ribeira Grande, desde que o futebol passou a ser jogado na ilha, será o manifesto desejo de estar a par do desenvolvimento futebolístico de Ponta Delgada. Só o conseguiria timidamente na década de sessenta e decisivamente a partir de meados da de setenta, para entrar em declínio nos inícios da de noventa. O fracasso da década de trinta provocaria um autêntico trauma e, por certo, explicará o atraso nas três décadas seguintes. A partir de então, nunca mais seria tentada a criação de organismo idêntico na Ribeira Grande. Na de quarenta e na de cinquenta, tenta-se dar novo fôlego, a par das equipas da Vila da Lagoa, de balde. Enquanto que Leões e Operário conseguem-no na de

nário esteve estacionado na ilha, abundavam recursos humanos, mas faltavam os económicos. Após este período, faltaram recursos humanos e continuaram a faltar os económicos. Muitos jovens ribeiragrândenses migraram para as Ilhas de Santa Maria e Terceira, alguns de reconhecida valia, como é o caso de António Teófilo. Ou até para a Lagoa, no caso de Manuel Câmara Correia, onde encontram emprego na fábrica. Ou emigraram para o Canada e Estados Unidos. Novo falhanço, como veremos em próximo artigo.

Nota: Quero, desde já agradecer ao senhor Abílio Batista, Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada, a amabilidade em ter-me franqueado as portas do seu arquivo.

(continua)

¹Tal como Ideal Novo, assim designado por António Santos, Manuel Correia da Silva e outros, para distingui-los no tempo.

² O Distrito, 22 de Novembro de 1933.

³ Correio dos Açores, 10 de Novembro de 1933, fl.4.

⁴ O Distrito, 2 de Dezembro de 1933.

⁵ O Distrito, 17 de Janeiro de 1934.

⁶ A Razão, 31 de Janeiro de 1934, fl.2.

⁷ AAFFPD, Acta n.º 1, fl.1, Iv.1, 14.04.1923. Em Abril de 1923 o Açor Sport Club da Ribeira Grande já estava activo. E em Agosto daquele ano o Praia. Em Setembro o Estrela Sport Club. A 28 de Novembro o Praia Sport Club pede a sua adesão à

Micaelense e Clube Desportivo Santa Clara. Naquele mês já existe a Liga Desportiva Micaelense onde estão inscritos o Praia e o Artista. Daremos mais pormenores em próxima edição.

⁸ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, ofício da Liga Desportiva da Ribeira Grande, 21 de Abril de 1933.

⁹ A Razão, 30 de Novembro de 1933

¹⁰ O Distrito, 31 de Janeiro de 1934.

¹¹ O Distrito, 23 de Junho de 1934.

¹² Diário dos Açores, 8 de Julho de 1933, fl.2.



Equipa do Ideal da segunda metade da década de 40 no campo das reses. Em pé, da esquerda para a direita: Alfredo Machado (Relojoeiro), Olivério Santos (Buraca), Fernando Maia (Cavalo Maluco), António Fernandes, Manuel "Genuíno" e Manuel Carreiro; de joelhos, da esquerda para a direita: Manuel Pereira (Frigideira), José Joaquim Santos Pereira (Quim), António Santos (Buraca), Manuel Moço e Eduíno Salé (Maquia)

Adenda: chega ao nascimento do Ideal

É pouco provável que tenha existido um Ideal com alguma expressão e relevo antes de Abril de 1933. Se não vejamos. Recuemos um pouco no tempo. Deixamos de ouvir falar na imprensa de equipas da Ribeira Grande a partir de 23 de Junho de 1930. A partir de Outubro de 1932, pela pena do correspondente local do Correio dos Açores, chegam alguns ecos ténues do futebol que se praticava então aí: 'ultimamente tem havido entre nós alguns desafios de Foot-ball, que geralmente terminam em verdadeiras touradas.'⁴² Será deste período os jogos inaugural e a

desforra entre o Ideal e o Águia que Hermano Ferreira Grota nos referiu? É plausível supo-lo, todavia, não temos provas documentais. Agora demos um salto no tempo. Em Março de 1933, anunciava-se que o Águia Sport Club, o União Sport Estrela, o Grupo Desportivo da Ribeirinha e o Praia Sport Club estavam inscritos no Primeiro Campeonato de Vilas e Aldeias. Os três primeiros, tal como o Ideal fariam parte da Liga Desportiva Ribeiragrândense. Porém nem uma palavra ao Ideal.⁴³ Aliás, como já vimos, só a 21 de Abril de 1933, surge uma referência ao Ideal Sport Club. A ter existido um Ideal antes desta data, ele não teria expressão ou peso

para participar naquela prova. A ter existido. Alguns dos jogadores do Ideal que surgem na fotografia de Outubro de 1933, o Sr. Luís Gamboa diz que se trataria da estreia dos equipamentos novos, como José Maroto e Laurindo Carreiro, representam em 1929 o Artista Sport Club, em 1930, o Pátria Football Club. Alguns dos futuros directores do Ideal, como Manuel de Sousa Pereira, em 1929 é vogal da Direcção do Águia Sport Club e Arsénio da Silva Bravo, naquele ano, é secretário do Artista Sport Club.

Em carta de Jersey City, Estados Unidos da América do Norte, datada de 1996, Manuel Sousa Miguel, uma espécie trovador do Ideal, nascido a 3 de Dezembro de 1915

numa rua próxima da primeira sede do Ideal, mudando-se mais tarde para aquela rua, na Matriz, que, ao que parece, bem conheceu os primeiros passos do Ideal, adianta uma versão próxima das que na última edição publicámos. Escreve ele que 'o Manuel 'Arrenca', Manuel Teves Morgado, morador na rua Eduino Rocha, foi daqui da América que levou uma equipa de lá verde e branca e um grupo de rapazes compraram-na e formaram um grupo com o nome Ideal. O primeiro clube foi na rua Direita de Santo André, numa casita do Hermano Grota, que foi jogador (...).'

Em busca do Ideal II: a memória oral

Renascimento: 'Ideal Novo'

Introdução:

Tal como sucede para o início do Ideal Velho, o do Ideal Novo também surge envolto em arrelhiadora sombra. A primeira referência escrita conhecida a este Ideal Novo vem a lume no Diário dos Açores de 15 de Março de 1941. Deixando, contudo, subentendido que este poderia estar activo em data anterior. Quando? Não sabemos.

A fazer fé nos testemunhos de Manuel Correia da Silva, António dos Santos, Aureliano Morgado e José Joaquim Pereira, atletas do Ideal Novo, que adiantam a idade que 'acham que deveriam ter à altura', o Ideal Novo teria dado os primeiros passos, respectivamente, 1940, para o primeiro, 1935/36, todavia, mais à frente, diz 1939/1940, para o segundo, 39/40, para o terceiro, e 1939 ou 1940 para o último. O que não andarà muito longe da sobredita nota escrita.

Ainda de acordo com os mesmos testemunhos, terá havido um primeiro e ainda incipiente grupo, no dizer deles 'mal organizado', algo como um embrião, em torno de Manuel Correia da Silva e Manuel 'Milho Cozido', dois jovens que, à época, ainda

não tinham cumprido o serviço militar. Ambos acompanharam o Ideal Velho. A sede informal deste núcleo do Ideal Novo teria sido na loja do pai do último. Terá tido, antes ou depois, nem todos se recordam ou são concordantes, sede no n.º 10 da rua do Botelho. António dos Santos, inclusive, alude a uma outra, na rua do Passal, na casa do Sr. José Cabral. O mesmo já nos tinha sido indicado pelo Sr. Renato Ponte. O arrendamento da casa da rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59,¹ terá marcado uma viragem qualitativa na organização do clube, tendo aderido ao grupo inicial um lote de adeptos mais velhos, entre os quais, Manuel da Costa Morais e Manuel de Sousa Pereira, elementos que pertenceram ao Ideal Velho. A estes juntaram-se outros, Guilherme do Rego Teixeira, irmão de Manuel do Rego, que não obstante ser mais velho, não participou na fundação do Ideal. De novo, sempre de acordo com os nossos testemunhos, teríamos Mestre Manuel da Costa Morais a fazer as botas e o seu cunhado Mestre Manuel Leite (Paiva Cabral) nas bolas.



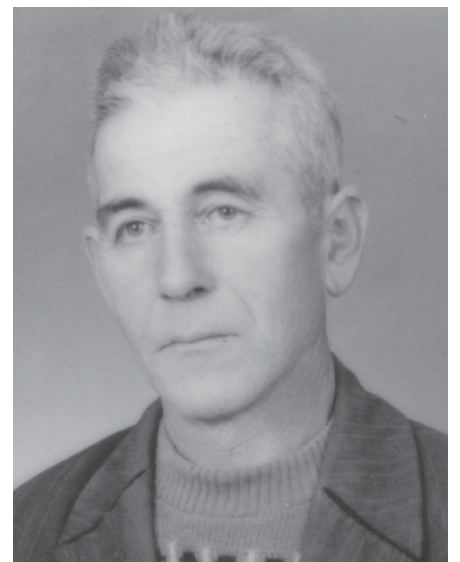
Álvaro dos Santos Raposo Moura



Manuel Correia da Silva



Óscar Vitória



Aureliano Morgado

Diálogos: versões

Como surgiu o Ideal Novo, de onde vieram os equipamentos?

Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996. Nasceu na Matriz em 15.11.21) Na altura (o Ideal Velho) estava aberto, ao depois acabaram. (Porquê?) Tinham falta de dinheiro ou qualquer outra coisa. Quem mandava era o Sr. Gil (Gildo) Furtado (...) (ele) tinha uma loja na rua das Pedras (rua de Sousa e Silva, n.º 19). Ao depois foi do Cebola (Sr. José de Sousa Aguiar). O Ideal foi fundado por ele e acabou por ele.

(O Ideal Novo) Primeiro era o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares Melo). Ele esteve comigo na tropa, éramos muito amigos. Era ele quem arranjava os jogos nas Capelas. A gente juntava-se lá na loja dele (rua El-rei D. Carlos I, n.º 28). Bonitos tempos. Jogávamos em serrados. Era um grupo de rapazes. (Testemunho, 13.05.2002) Um grupo de rapazes que brincava com as suas camisas e botas. (Testemunho, 1996) Depois, isso já foi em 1940. Eu já não sei, mas acho que foi em Vila Franca (do Campo). Foi uma coisa barata, porque, para dizer a verdade, até ele me queria oferecer. Ele disse-me, para que é isso? E eu disse, é para dar a esses rapazes que estão brincando para aí. E esse Buraca (António Santos), como é muito jeitoso para guarda-redes, como a gente vá jogar às Capelas. Se quiserem levar isso consigo podem levar. E foi assim. (Testemunho, 13.05.2002) Comprei umas joalheiras para o António Buraca na loja do José 'Cebola' (José de Sousa Aguiar: rua de Sousa e Silva, n.º 19). Camisas e joalheiras ao Gildo Paiva.² Não me lembro quanto.

António dos Santos: (Testemunho, 29.08.1996) Tinha 17 para 18 anos (nasceu em 26.12.1919) quando o Ideal abriu de novo. Quem o abriu foi o Manuel 'Milho Cozido'

(Manuel Moniz Soares de Melo nasceu na Matriz a 31 de Dezembro de 1921, era filho de João Soares Melo e de Hermínia Moniz Teixeira. Casou em Água de Pau e pouco depois foi para o Brasil e daí para as Bermudas para de novo regressar ao Brasil onde faleceu, segundo um sobrinho, com cinquenta e cinco anos feitos. Esteve na tropa com o Sr. Manuel Correia Moniz) e o Manuel Correia (nasceu na Matriz em 15.11.21). (O primeiro equipamento?) Foi feito na fábrica (Ribeirinha), as camisas de meia que deram tinta verde. Toda verde e os calções pretos (metade verde e metade branca?) Não, toda verde e com o emblema do Ideal. Foi o Manuel Correia (da Silva) e o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares Melo) que compraram as camisas todas brancas e pintaram-nas de verde. Ao depois então é que veio o 'Garrida' (Manuel de Sousa Pereira) e outros mais. Então é que compraram essa fazenda para fazer a 'equipe' (Metade verde e metade branco). Ao cabo de anos é que veio aquela como o Sporting. Esse verde estragou dois ou três panos brancos, e o verde sempre bom. (e o seu equipamento de guarda-redes?) O Gildo (Furtado Paiva) é que tinha a camisa e um par de calções. Era branca (pertencera ao Ideal Velho) e tinha emblema. Os peúgos eram todos pretos.

(Testemunho, 11.05.2002) O Manuel Correia (Manuel Moniz Correia da Silva) e o Manuel 'Milho Cozido' compraram camisas brancas e foram à fábrica da chita pintar de verde. Quando comecei a jogar no Ideal quem estava à frente eram eles. Eu ainda não tinha ido para a tropa (terá ido em 1939/40).

Aureliano Morgado: (Testemunho, 1.09.1996, nasceu em 3.09.1918) (quando passaram a Ideal?) (...) Fomos pedir ao Senhor Faustino (de Lima) para dar licença para a gente jogar para o campo (das reses), deram uns calções, botas velhas e coisas, e fomos

jogar para o campo. Daí então é que começou o Ideal. Eu estava na tropa. Fui em 39 para o quartel de São João, depois fui para as Furnas e para a Praia de Água d'Álto. (Quem estava à frente do clube?) Eu acho que ainda está vivo, um que fazia caixões, que está no Asilo (...) Isso o Guilherme do Rego (Guilherme do Rego Teixeira nasceu na Matriz a 27 de Março de 1908 e faleceu a 16 de Novembro de 1994. Era irmão de Manuel do Rego, mas não participou no início do Ideal). E mais. Eu lembro-me mais desse. Outros que tiravam os retratos lá dentro (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). Antes era rapazes contra rapazes nos serrados. Quando entrou a direcção (...) o Manuel da Costa (Morais), o Manuel 'Milho Cozido', ao depois começou a entrar outros mais altos para dentro também. (Testemunho, 13.05.2002) A gente jogava nas terras e fomos falar com o Senhor Faustino (de Lima), que tinha loja na rua Direita (rua de Nossa Senhora da Conceição, n.º 28-32), para pedir para jogar no campo das reses. A gente comprou camisas de meia brancas e botas velhas que o Mestre Manuel da Costa (Morais) consentava.

José Joaquim Pereira: (Testemunho, 24.09.1996. Estava a residir em Setúbal. Nasceu em 1922, em São José, Ponta Delgada. Já faleceu) Estava no 7.º Ano, em Ponta Delgada, com 17, 18 anos e já estava a jogar em 1939/40. Joguei até aos 29 anos a aproximar-me dos trinta. Deram-me um pontapé no joelho e deixei de jogar. Parece que foi o Morais (jogador do Águia) e dizem que foi de propósito.

Oscar Vitória: (Testemunho, 11.05.2002) As camisas eram de meia pintada de verde. Todas verdes. Os calções e os peúgos eram pretos.

Abel Soares: (Testemunho, 31.08.1996, nasceu no Algarve) Vim para a Ribeira

Grande na tropa em 1941, no Inverno. Vinha pela rua Direita fora e distingui do Sporting a bandeira do Ideal. Passei a logo a ser sócio.

Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996) O equipamento já não foi comigo, foi com o Manuel da Costa (Morais). (Que idade tinha?) Nessa altura tinha aí 19 anos. Foi antes de ir para a tropa. Fui em 1942 (incorporado em 30.10.42). Nessa altura o Ideal (Novo) já estava formado.

As botas e a bola?

António Santos: (Testemunho, 11.05.2002) Eu jogava para as Capelas com as botas da tropa. Ou sapatos velhos nos pés. Quando chegava a casa a minha mãe lavava e dava lustro para eu ir para a cidade (esteve 9 meses a um ano no quartel de São João, em Ponta Delgada). Era Ideal, mas mal amanhado, antes da entrada do Manuel 'Garrida' (Manuel de Sousa Pereira). Quando ele entrou, ele veio ter comigo mais o Manuel da Costa (Morais) ao quartel de São João para tirar as medidas para as botas. Nessa altura, o clube e tudo passou a ser como deve ser. Já era na rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). A bola, a maioria, era feita pelo José Leite (José Paiva Cabral). Havia uma nova, de fora, até o José Correia (guarda-redes do Águia) tinha medo dela. As outras eram às vezes cada 'bexiga'.

E a sede?

António dos Santos: (Testemunho, 29.08.1996) Não havia clube, era na própria loja do 'Milho Cozido'. Quando entrou o cabo 'Garrida' é que se arrendou aquele clube (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59). Lembro-me do clube estar na rua do Gouveia, ao pé do Mestre Eduíno (rua Conde Jácome Correia, n.º 59). Era uma casa pequena, não tinha loja. E ao lado do 'Garrida', na casa do Sr. Cabral (rua do Passal, n.º 24?). Um quarto



José Joaquim dos Santos Pereira (Quim)

pequeno. Nunca entrei lá, era uma criança. (Não se lembra do clube ter estado na rua do Botelho)

Manuel Correia da Silva: (Testemunho, 1996) (na rua El-Rei D. Carlos I, n.º 59) Isso já foi com esse Manuel da Costa (Morais). Ele é que fundou isso. Ele é que fez aquele clube. (e antes?) Aqui e ali. Lembro-me do Manuel 'Milho Cozido', o pai tinha uma taberna na rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 28). Era aí que se combinava os jogos nas Capelas e aí que os jogadores se vestiam. O Manuel 'Garrida' tomava conta do clube novo.

Oscar Vitória: (Testemunho, 11.05.2002,



Guilherme do Rego Teixeira

nasceu em 27.04.1924) Quem armou o Ideal Novo foi o Manuel 'Milho Cozido' (Manuel Moniz Soares de Melo), tinha uma loja onde hoje mora o Viriato Moreira (rua El-Rei D. Carlos I, n.º 28). Nessa altura o clube era num quarto da casa da 'Bica' (Beatriz da Silva Horta, rua do Botelho, n.º 10). Um quarto de baixo. Eu tinha para aí uns 15 anos, mais ou menos. Tinha duas meia-portas e a de cima era de vidro. O piso era de terra batida. Era só um quarto Fizeram prateleiras para colocar as botas e os equipamentos. O contínuo morava duas casas acima do Asilo das Meninas (rua do Botelho, n.º 35). Era engraxador. Puxava por uma perna. Chamava-se Manuel da Ponte? Era só para



Manuel Soares de Melo (Milho Cozido)

vestir e despir. Teve lá mais de ano. De certeza. Ia jogar para a Lagoa e Capelas. Ia em carroças. A do meu padrinho Vargas e a do Tio João Lagoa.

Álvaro Moura: (Testemunho, 28.01.1996. Nasceu na Conceição em 1 de Novembro de 1927) Comecei em criança, talvez dez, onze anos, a ir para o campo dos porcos. Ou menos. (Testemunho, 17.08.1996) (...) (Nessa altura o Águia estava aberto?) Estava aberto porque os tropas vieram para aqui em 39 ou 40, o Ideal já estava ali por cima dos moinhos (rua El-rei D. Carlos I, n.º 59). O Dr. José Tavares é quem arrendou a 50\$00 em 1931 (?), depois a 100\$00 e quando

ele faleceu estava a 200\$00. Ficaram todos contentíssimos. Na altura era Presidente o Manuel de Sousa Pereira, o cabo 'Garrida', da Junta Geral, o Manuel da Costa Morais, sapateiro, e o Guilherme do Rego. Reconheço estes. Se havia mais alguém, não sei. O Jaime Paulo esteve quando o clube foi para a rua Direita (rua El-Rei D. Carlos I). O Manuel da Costa é quem recebeu a chave. Antes disso o Ideal tinha uma sede, um quarto mal amanhado na casa da Beatriz 'Bica' (da Silva Horta), na rua do Botelho (n.º 10). Esteve na casa do Hermano Grota, segundo me disseram os mais antigos.

¹ Fora sede do Jornal 'Ecos do Norte', de Ezequiel Moreira da Silva, sendo depois tenda de Mestre Carlos Araújo, marceneiro. Actualmente faz parte do gabinete do Eng.º António Tavares Vieira.

² Manuel 'Arrenca', aliás, Manuel de Teves Morgado, nasceu ainda no século XIX, na freguesia da Conceição, segundo uma sobrinha, esteve nos Estados Unidos da América do Norte, talvez na área de Boston, de onde regressou, não se lembra quando, e foi residir para a casa dos pais, rua Eduíno Rocha, onde mais tarde residiu o Sr. Maia. Também não se lembra de ouvir o tio ou o pai referir que teria sido ele a trazer o equipamento do Ideal. Foi porteiro do Hospital da Ribeira Grande até falecer. Faleceu a 30 de Novembro de 1973. Manuel de Sousa Miguel, em carta dos USA de 1996, confirma Manuel de Teves Morgado.



Equipa que ganhou o carneiro. De pé, da esquerda para a direita: Manuel Lopes, Frigideira, Eduíno Maquia, Cristiano, Quim e José Furtado; de joelhos, da esquerda para a direita: António Barata, Alfredo Machado, António Santos, Manuel Carreiro e Duarte Amaral



**Junta de Freguesia
Ribeira Grande
MATRIZ**



APOIAMOS O DESPORTO